

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO (DEJOR)**

MAYARA FERNANDA SOUZA SANTANA

**REPRESENTAÇÃO DA PRÁTICA JORNALÍSTICA NO CINEMA:
Análise do filme “Spotlight- segredos revelados” (2015)**

Monografia

Mariana, MG

2024

MAYARA FERNANDA SOUZA SANTANA

REPRESENTAÇÃO DA PRÁTICA JORNALÍSTICA NO CINEMA:

Análise do filme “Spotlight- segredos revelados” (2015)

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Lara Linhalis
Guimarães.

Mariana, MG

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S232r Santana, Mayara Fernanda Souza.
Representação da prática jornalística no cinema [manuscrito]: análise do filme "Spotlight-Segredos" (2015). / Mayara Fernanda Souza Santana. Mayara Fernanda Souza Santana. - 2024.
65 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Lara Linhalis Guimarães.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Cinema. 2. Jornalismo. 3. Representação cinematográfica. I. Santana, Mayara Fernanda Souza. II. Guimarães, Lara Linhalis. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 070.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Mayara Fernanda Souza Santana

**Representação da prática jornalística no cinema:
análise do filme "Spotlight - Segredos Revelados" (2015)**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 20 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Dra. Lara Linhalis Guimarães - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Hila Bernardete Rodrigues (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Adriana Bravin (Universidade Federal de Ouro Preto)

Lara Linhalis Guimarães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 11/04/2024



Documento assinado eletronicamente por **Lara Linhalis Guimarães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/04/2024, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0698214** e o código CRC **999E297C**.

A todos os profissionais jornalistas que buscam incansavelmente a verdade, seja nas páginas dos jornais ou nas cenas de um filme.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, minha fonte de força, inspiração e sabedoria.

À minha família, meus pais Maria Aparecida Sales de Souza e Mauro Santana, ao meu irmão, Guilherme Souza Santana, obrigada pelo apoio de vocês que sei que sempre poderei contar.

Ao Márcio Douglas Vidigal, melhor companheiro, impossível.

À minha orientadora, Dra. Lara Linhalis, pelas instruções constantes, sem medir esforços.

Às amigas de graduação que me fizeram tão bem durante todos esses anos: Amanda Maia, Ana Flávia Domingos, Beatriz Granha, Iris Bastos, Lara Eliza Gonçalves e, em especial, Laura Fernandes, que também me sugeriu o objeto de estudo desta monografia.

Aos amigos, que são muitos, que fiz em Mariana, MG, e Ouro Preto, MG, vocês serão inesquecíveis.

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte desta conquista com troca de conhecimentos e experiências enriquecedoras.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a representação da prática jornalística no cinema, com enfoque no filme hollywoodiano *Spotlight - segredos revelados*, lançado no ano de 2015 pelo diretor e ator Tom McCarthy. O longa ganhou o Oscar nas categorias de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original, e gerou muita repercussão, já que o assunto principal é a pedofilia dentro da igreja católica, o que conseqüentemente levantou pautas de discussões sobre o tema no mundo todo. Além disso, esta pesquisa busca compreender como o cinema contribui para a construção de narrativas sobre o jornalismo e sobre o jornalista, influenciando a visão da sociedade. O percurso metodológico consistiu em identificar conceitos básicos do fazer jornalístico, apontar a importância do cinema na construção de representações, sejam elas positivas ou negativas, e em seguida a análise de como esse filme representou essa prática e esses profissionais.

Palavras-chave: cinema, representação cinematográfica, jornalismo investigativo, *Spotlight*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the representation of journalistic practice in cinema, focusing on the Hollywood film “Spotlight - secrets revealed”, released in 2015 by director and actor Tom McCarthy. The film won the Oscar in the categories of best film and best original screenplay, and generated a lot of repercussion, since the main subject is pedophilia within the Catholic church, which consequently raised discussion topics on the topic around the world. Furthermore, this research seeks to understand how cinema contributes to the construction of narratives about journalism and journalists, influencing society's vision. The methodological path consisted of identifying basic concepts of journalism, pointing out the importance of cinema in the construction of representations, whether positive or negative, and then analyzing how the film Spotlight represented this practice and these professionals.

Keywords: cinema, cinematic representation, investigative journalism, *Spotlight*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 - Primeira reunião de Pauta.....	43
Figura 2 - Primeira reunião com equipe investigativa Spotlight.....	44
Figura 3 - Início da apuração.....	46
Figura 4 - Traços de subjetividade na apuração, Sasha Pfizer entrevistando Joe Crowley.....	48
Figura 5 - Sasha Pfizer e sua avó na missa católica	50
Figura 6 - Michael Rezendes chegando na redação do The Boston Globe logo após a sua corrida diária.....	52
Figura 7 - Um das TVs da redação exibindo a cobertura do ataque às torres gêmeas	54
Figura 8 - Redação da equipe Spotlight momentos após a publicação da matéria.....	56

Quadros

Quadro 1 - valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados.....	17
Quadro 2 - Exemplo de alguns personagens retratados em filmes de grande público e suas características.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ALGUMAS IDEIAS SOBRE O QUE É O JORNALISMO	13
2.1 Surgimento do jornalismo	14
2.2 Objetividade e subjetividade no jornalismo	18
2.3 Quem é o profissional jornalista?	19
2.4 O jornalismo na era digital	20
3 O QUE É O JORNALISMO INVESTIGATIVO	23
3.1 A apuração em jornalismo e a investigação	27
4 APONTAMENTOS SOBRE O CINEMA E A REPRESENTAÇÃO DOS JORNALISTAS	32
4.1 A representação do jornalista no cinema	35
5 ANÁLISE: ELEMENTOS DO JORNALISMO EM <i>SPOTLIGHT - SEGREDOS REVELADOS</i>	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é o 6º país mais perigoso do mundo para quem é jornalista, segundo o jornal Correio Braziliense em 2019¹. Na atualidade, é possível reconhecer, de várias maneiras, os perigos que correm aqueles que a exercem e a perda da credibilidade da profissão. O fator principal que corrobora com isso são as denúncias de esquemas de corrupção, tráfico e práticas criminosas além do crescimento de movimentos antidemocráticos, que fez uma boa parte da população desdenhar do jornalismo, uma vez que agora não acreditam e depreciam o trabalho desses profissionais. Com isso, essa parcela da sociedade busca outras formas para se informar, como correntes no Whatsapp, ficando mais suscetível a acreditar em Fake News, pois não checam se a informação é verdadeira ou falsa (Schwaab, 2020).

Considerando este cenário, o incentivo para a elaboração desta monografia é compreender o fazer jornalístico e seus valores, especialmente em relação ao gênero investigativo e, em seguida, entender a representação do jornalismo no filme *Spotlight*. O objeto de análise desta monografia conta a história real da equipe de jornalismo investigativo *Spotlight*, termo que traduzido para o português significa iluminar, destacar, dar holofote. Os repórteres faziam parte do jornal americano *The Boston Globe*, em Boston, Massachusetts, EUA, e fizeram investigações no início dos anos 2000 sobre denúncias de abusos sexuais de crianças e adolescentes por padres do Estado de Boston.

A trama do filme se inicia com a contratação de um novo editor chefe, Marty Baron, interpretado pelo ator Liev Schreiber. Ao se juntar com a equipe *Spotlight*, Baron faz a leitura de alguns artigos da época sobre escândalos que envolviam o atual Arcebispo, o Cardeal Law, que sabia que o padre John Geoghan abusava sexualmente de crianças e não tomou nenhuma providência. Diante desse acobertamento, começaram as investigações dos jornalistas a respeito dos escândalos.

Além do editor geral do jornal, a equipe de jornalismo investigativo *Spotlight* é composta também por Walter Robinson (Michael Keaton), Mike Rezendes (Mark Ruffalo), Sacha Pfeiffer (Rachel McAdams) e Matt Carroll (Brian d'Arcy James) e juntos se empenharam na procura de vítimas e informações para comprovar as acusações de estupro e assédio.

¹ Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-04/brasil-e-o-6o-pais-mais-perigoso-do-mundo-para-jornalistas-diz#:~:text=%E2%80%9C%20Brasil%20%C3%A9%20um,Ci%C3%A9ncia%20e%20a%20Cultura%5D%20Unesco. Acesso em: 10 de jun 2023.

Com os desdobramentos das apurações, os integrantes da equipe perceberam que o problema que eles estavam analisando era muito maior do que eles pensavam, e o que para eles eram apenas alguns casos isolados, revelou-se em centenas de denúncias, com pelo menos 90 abusadores entre arcebispos, padres e cardeais.

Apesar do número alarmante, os casos dificilmente eram notificados à polícia e eram desconhecidos pela imprensa da época. Crianças indefesas e a rotatividade desses padres, que assim que eram identificados como abusadores eram transferidos para outras paróquias, contribuíram para a ocultação desses crimes que persiste por séculos.

A história real por trás do filme foi digna do prêmio Pulitzer: premiação estadunidense outorgada a pessoas que realizam trabalhos de excelência nas áreas de jornalismo, literatura e música. Segundo site oficial The Pulitzer Prizes², o prêmio existe desde 1917 em homenagem ao jornalista húngaro Joseph Pulitzer, que elaborou um testamento que destinou uma parte do dinheiro que deixou depois de falecer para incentivar o reconhecimento de grandes trabalhos jornalísticos.

O trabalho investigativo que a *Spotlight* desenvolveu foi muito minucioso e surtiu resultados que influenciaram outros países que também investigaram a conduta da igreja dentro de seus territórios.

Desde o início da graduação, interessei-me pela área de audiovisual, e pessoalmente tenho o cinema como uma das minhas maiores paixões. Por conta disso, tornei-me também uma grande fã de premiações do cinema, como o Oscar. Quando cursei a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, para a elaboração do meu projeto de monografia, eu sabia que o meu tema teria relação com a análise de algum objeto fílmico, e quando soube que *Spotlight - segredos revelados* era um filme premiado com a história de jornalistas, tive a certeza imediata de que seria a minha escolha.

Neste trabalho, será possível ter acesso aos conceitos básicos relacionados ao jornalismo, ao menos em sua perspectiva hegemônica. Também iremos explorar alguns valores que norteiam a profissão, conhecer momentos importantes do surgimento da atividade, o vínculo do jornalismo com o desenvolvimento da sociedade e, especialmente, a importância do gênero investigativo.

No capítulo 2, são discutidas algumas ideias sobre o que é o jornalismo, desde seu surgimento até conceitos básicos, como o de notícia e como elas são veiculadas na mídia seguindo os critérios de noticiabilidade, além disso, será traçado um perfil do profissional

² Disponível em: TOPPING, S.; GISSLER, S.; MURPHY, S. History of The Pulitzer Prizes. **The Pulitzer Prizes**, s.d. Disponível em: <https://www.pulitzer.org/page/history-pulitzer-prizes>. Acesso em: 01 jun. 2023.

jornalista, e como o jornalismo está inserido na contemporaneidade através dos novos meios digitais.

No capítulo 3, é abordado o gênero jornalismo investigativo, conceitos e particularidades, de acordo com autores como Leandro Fortes, Cleofe Monteiro de Sequeira e Mark Lee Hunter. Em seguida, expõe-se uma breve história do cinema e de como o jornalismo e os jornalistas são representados por ele.

Por último, no capítulo 4, será analisada a representação do jornalismo e do jornalista por meio do filme *Spotlight - segredos revelados*, observando os elementos jornalísticos contidos no filme.

2 ALGUMAS IDEIAS SOBRE O QUE É O JORNALISMO

Ao refletir sobre o que é jornalismo, é comum que se pense tratar de tudo que se ouve ou se vê nos jornais, sejam eles veiculados no rádio, na TV, e, atualmente, também em sites, podcasts, redes sociais, entre outras mídias. No entanto, a atividade jornalística é bem mais complexa do que pode parecer, como sinaliza Traquina (2004, p. 19): “a vida tal qual é contada nas notícias”.

Do jornalismo, fazem parte todas as notícias que chegam ao público, produzidas por jornalistas que tem a função de apurar, checar as informações sobre os acontecimentos. De modo geral: apurar, reunir, selecionar e difundir ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação. É contribuir para que a sociedade tenha a oportunidade de exercer a cidadania, ser informada e, assim, cobrar providências ou justiça a respeito de uma problemática (Bahia, 1990).

Segundo Traquina (2005), a prática jornalística é uma atividade intelectual exercida por mais de 150 anos, com a finalidade de contar as histórias da realidade, a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. O jornalismo surge como ferramenta de contar os fatos que acontecem no mundo: são histórias, mas não como as de contos de fadas, com seres mágicos e ações fantasiosas, pois tem uma regra indispensável: a busca pela veracidade. Essa regra deve ser perseguida pelos jornalistas ao relatarem os acontecimentos.

Kovach e Rosenstiel (2005, p. 29) afirmam que a função do jornalismo, na visão dos poloneses do Pós-Segunda Guerra Mundial, era construir a comunidade, a cidadania e a democracia: “A principal função do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações que necessitam para serem livres e se autogovernar”. Pensando nisso, é plausível afirmar que o jornalismo é essencial para todos, mas especialmente para os cidadãos e as nações em regimes totalitários, onde a hostilidade do controle à informação os mantém na situação em que vivem, isso em razão do vínculo entre acesso às informações e emancipação.

Segundo Bernardo Kucinski (2005, p. 19), “O jornalismo existe para socializar as verdades de interesse público, para tornar público o que os grupos de interesse ou poderosos tentam manter como coisa privada”. Através dessa reflexão, Kucinski revela que o jornalismo tem entre suas inúmeras funções a responsabilidade da investigação e denúncia, e o jornalista torna-se o principal mediador ou até mesmo cúmplice da divulgação da verdade pelo bem-estar e pelo interesse do público. Ademais, para Lage (2005, p. 73), “o texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos

ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias”.

2.1 SURGIMENTO DO JORNALISMO

O surgimento do jornalismo ainda é impreciso até os dias atuais, mas sabe-se que as primeiras práticas jornalísticas surgiram ainda antes de Cristo, no ano de 59, quando o imperador romano Júlio César tornou obrigatória a exposição pública de todos os acontecimentos que ocorriam na época, como batizados, casamentos e nascimentos. Essa prática foi chamada de *Acta Diurna* (Atos do Dia), os primeiros registros de um diário oficial. A atividade continuou sendo utilizada até meados dos anos 131 a.C. conforme afirma a Associação Nacional de Jornais (ANJ) (2020).

Segundo Kovach e Rosenstiel (2005), na Idade Média, o jornalismo também fez aparições em forma de músicas e relatos nas baladas cantadas pelos jograis ambulantes. Mais tarde, também na Europa, nos anos de 1600, houve relatos de navegadores que contavam suas experiências das viagens nas cafeterias da Inglaterra. E assim nasceram os primeiros jornais ingleses, quando passaram a publicar essas histórias, que tomou repercussões entre a sociedade, e a partir daí, a prática jornalística se popularizou por todo mundo.

Ainda de acordo Kovach e Rosenstiel, é após a Revolução Industrial e posteriormente o surgimento do rádio e da TV que o jornalismo pode ser considerado, enfim, popularizado, com a chamada comunicação de massa, época de ouro para os veículos de mídia. A maioria das pessoas passaram a consumir e se interessar pelas notícias dissipadas por esses meios.

No Brasil, no século XIX, o primeiro jornal foi o Correio Braziliense, que surgiu em 1º de junho de 1808. Com a chegada da família real portuguesa, o Brasil, que ainda era colônia, precisou se adequar aos costumes da nobreza, como o de consumir notícias diárias (Lustosa, 2003).

No século XIX, o parlamentar inglês McCaulay referiu-se ao jornalismo como “quarto poder”. A expressão fazia referências à Revolução Francesa, que dividia a sociedade vigente entre clero, nobreza e a baixa burguesia. O poder extra faz a alusão àquele que fiscaliza os demais. Após entender o jornalismo com esta autoridade, é possível visualizar como os noticiários são influentes na sociedade (Traquina, 2005).

Por ser tão predominante na sociedade, os fatos apresentados na mídia precisam conter relevância para a maioria das pessoas que por eles são impactadas. Por esse motivo, existe o valor-notícia para as produções jornalísticas. Nem todos os fatos são uma notícia, mas todas as notícias precisam ser um fato. Lembrar do óbvio é importante para o seu entendimento.

Portanto, somente os fatos que se enquadram dentro dos valores atribuídos pela mídia e pelo cidadão são realmente considerados.

Entender o valor-notícia resume na “percepção do veículo e do jornalista sobre o que este público necessita e deseja em termos de informação jornalística” (Amaral, 2008, p. 71). Ainda segundo Amaral, os valores-notícia são marcas de classificação dos fatos e a escolha de pautas que orientam a construção da notícia e, logo, o seu enquadramento.

Para além de focar nos receptores, também há a avaliação das editorias que qualificam as notícias como as mais e menos lucrativas para o empreendedorismo do jornal. A concorrência se torna, assim, um fator decisivo para cada veículo de imprensa.

Por um instante, pode-se ter a impressão de que existem notícias que são mais importantes que outras, mas, na verdade, o que importa, além dos valores hegemônicos, é o ponto referencial. Uma notícia em São Paulo, Brasil, pode não ter valor em Boston, EUA.

critérios de noticiabilidade, são baseando-se em três instâncias: 1) critérios de noticiabilidade na origem do fato (seleção primária dos fatos / valores-notícia), com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc; 2) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia, desde condições organizacionais e materiais até cultura profissional e relação jornalista-fonte e jornalista-receptor; e 3) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc (Silva, 2005, p. 95).

Com os vários acontecimentos que ocorrem diariamente em todo mundo, seria impossível notificar todos eles no jornalismo. Nesse sentido, ainda de acordo com Silva (2005), existe uma pré-seleção feita pelas empresas jornalísticas de TV, rádio e sites, o que já evidenciamos aqui como valor-notícia, que se constituiu, segundo a autora, em hierarquizar a magnitude dos fatos, definido pelos critérios de noticiabilidade como o potencial de um fato para se tornar notícia, baseado no interesse do público, sendo o ponto central para o trabalho dos repórteres, redatores, fotógrafos, cinegrafistas etc.

Aquela parcela do público que se importa com jornalismo esportivo, por exemplo, deseja estar por dentro de todos os lances, dos gols da rodada, da troca de treinadores, ou mesmo das fraturas dos craques, ou seja, tudo o que é informação relevante para seu repertório de conhecimento sobre futebol. Da mesma forma, aqueles que se interessam por política querem saber sobre ações impactantes na sociedade, como a discussão e aprovação de leis, os resultados de eleições etc.

Depois desse enquadramento dos fatos em relação aos critérios de noticiabilidade, o que muitas vezes é feito de modo intuitivo pelos jornalistas, é realizada uma seleção

secundária. Algumas dessas notícias são dignas de primeira página, ou pertencentes aos primeiros ocorridos da chamada do telejornal, enquanto outras podem ficar por último, sendo assim as menos relevantes no meio das melhores notícias diárias.

Os valores-notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de serem incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público. [...] Os valores/notícias são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluído. (Wolf, 2002, p. 203).

Existe uma premissa interessante no jornalismo, e um tanto quanto curiosa, que traduz os valores da notícia na seguinte hipótese: “Quando um cão morde um homem não é notícia; mas quando um homem morde um cão, isso, sim, é notícia”, o que foi dito por Charles A. Dana, em 1982, durante a premiação do Pulitzer. A afirmação de Dana sugere que fatos incomuns são considerados como noticiáveis.

Reproduzimos abaixo uma tabela que facilita a compreensão dos requisitos que atribuem valor às notícias. A partir dela, é possível elencar motivos que fazem um fato ser ou não ser merecedor de ser veiculado nas mídias.

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Quadro 1 - valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados

Fonte: Érica Franzon (2004, p. 29).

Trazendo essa reflexão para o objeto deste trabalho, o filme *Spotlight - segredos revelados* apresenta notícias sobre os casos de abuso sexual relacionados a sacerdotes da Igreja Católica. Sendo assim, estariam aí identificados os seguintes critérios de noticiabilidade: impacto, pelo número de vítimas ser alarmante; proeminência, haja vista que os violadores eram padres, sendo considerados líderes da religião católica; polêmica, levando em conta que o comum seria não existir crimes dentro de instituições de fé; surpresa; drama,

por atingir diretamente o emocional das pessoas por se tratar de um crime hediondo; e, por fim, o quesito justiça pela própria investigação e denúncia.

2.2 OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO

A ideia de um jornalismo baseado na objetividade é uma concepção que está ligada à pretensão da veracidade, sem interferências do ponto de vista pessoal. “O jornalista que se preocupa em dar conteúdo à notícia e contextualizar a informação antes de tudo com textos, simples, claro, direto, objetivo e conciso” (Cotta, 2005, p. 115). Embora faça sentido no imaginário, muitos autores afirmam a inexistência da objetividade nos jornais, visto que cada indivíduo possui suas próprias crenças e vivências, que acabam sendo refletidas na produção das notícias. Porém, a objetividade até hoje é considerada um valor crucial do jornalismo.

O primeiro autor a refletir sobre o assunto foi o escritor e jornalista Walter Lippmann, na década de 1920, quando desenvolveu a Teoria do Espelho, sugerindo que o jornalismo é o reflexo da realidade (Traquina, 2001). Neste caso, as mídias seriam uma espécie de refletor do cotidiano, sem modificações, e o comunicador seria alguém desinteressado, isto é, sem opiniões pessoais.

Porém, na análise de Nelson Traquina (2005), é inviável a não mediação do jornalista em relação ao acontecimento. O autor defende que as notícias ajudam na construção da realidade, mas com o toque da subjetividade do profissional jornalista, que possui gostos, opiniões e partidos, ou seja, a verdade testemunhada sempre depende dos olhos de quem vê.

Atualmente, existe uma grande exigência sob os profissionais jornalistas, principalmente no quesito da imparcialidade, no entanto, “a neutralidade jamais é possível, haja vista que todo sujeito que conhece sempre vai se encontrar numa determinada posição diante do fato que é orientada socialmente” (Guerra, 1999, p. 6).

Em assuntos como política, principalmente, é comum haver o julgamento do público em relação às formas como as notícias são dadas. Todo repórter tem sua visão de mundo, sobretudo nas linhas editoriais dos veículos, que possuem suas preferências e viés ideológico muito bem definidos.

O fato é que a ideia de objetividade sempre esteve associada à verdade e à ética. Segundo Francisco Karam (2004), a objetividade é a essência do jornalismo, como um dos critérios em que se sustentam o relato jornalístico e sua síntese factual. Todavia, o autor também acredita na desmistificação da objetividade conservadora, “é que os próprios fatos, por pertencerem à dimensão histórico-social, não são puramente objetivos.” (*apud* Filho, 1987, p. 49).

Conforme acredita Fabiana Moraes (2019), a ideia de subjetividade no jornalismo abre portas para uma representação mais integral dos personagens, incluindo pessoas e grupos. O aspecto da emoção como um ganho para a prática jornalística é bastante discutido na contemporaneidade.

Ainda sobre Fabiana Moraes, ela é escritora do livro *O nascimento de Joicy*, que conta a história de uma cabeleireira pernambucana transexual que enfrenta os entraves de viver numa sociedade preconceituosa. Nessa obra, a jornalista ressalta a importância do olhar sensível, que não apenas narra a vida das pessoas, mas que também consegue fazer o exercício da empatia sobre o personagem. A história da humanidade, sobretudo a partir do jornalismo, sempre foi contada de acordo com o olhar “padronizado” dos homens heterossexuais de classe média, por isso a importância de refletir a alteridade jornalística, a fim de dar voz aos “outros” (Moraes; Silva, 2021).

2.3 QUEM É O PROFISSIONAL JORNALISTA?

A profissão do jornalista é essencial, já que graças a essa atividade as notícias são capazes de informar a sociedade e contribuir para o exercício da cidadania. As pessoas que escolhem essa profissão muitas vezes levam em conta motivos como o gosto pela escrita e pela leitura, porém, isso não é suficiente para exercitar um jornalismo de qualidade. Para Isabel Travancas (1992), outra virtude importante é a sensibilidade, já que esses profissionais lidam diariamente com a vida de pessoas dos diferentes níveis sociais e econômicos.

Ainda sobre as reflexões de Travancas, pode-se considerar o jornalista como alguém que está disposto a se expor, uma vez que é colocado literalmente nas ruas, para que esteja preparado para “o que der e vier”. O jornalista é obrigado a ter a experiência prática, já que somente ela é capaz de lidar com os imprevistos e problemas que surgem durante o processo de apuração.

Ao mencionar a atividade jornalística e suas funcionalidades, é relevante também considerá-la como identidade, ou seja, o que torna a profissão única e significativa. No momento atual, existe uma crise dessa identidade. Mark Deuze (2015) avaliou que os processos de modernização dos meios tecnológicos colocam em risco o reconhecimento do papel do jornalismo, ao menos como fora até então pensado. Hoje em dia, o profissional de imprensa não é mais o único “guardião das notícias”, e possivelmente essa crise só se amenize um pouco quando os jornalistas admitirem que perderam o seu pódio, ou seja, o protagonismo na divulgação dos acontecimentos.

Ataques ao jornalismo (e aos jornalistas) têm sido cada vez mais comuns, provocando o rompimento das expectativas dos novos ingressantes da profissão: de um certo prestígio intelectual para olhares tortos da população.

Ainda sobre a crise da profissão, segundo o G1 (2009)³ no Brasil, desde o ano de 2009, foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a obrigatoriedade do diploma do Ensino Superior para o exercício da prática jornalística. Para alguns dos políticos favoráveis à liminar, o obrigatório não estava alinhado com a Constituição de 1988, por ser muito parecido com a censura do Regime Militar, que reprimia o direito de imprensa.

Atualmente, cerca de quinze anos depois, para ser jornalista não é necessária nenhuma formação acadêmica e, por isso, para muitos, a profissão vive o desgaste da “superlotação” entre os preparados tecnicamente e aqueles que exercem o jornalismo independentemente.

Além da insegurança de não terem seus cargos garantidos, o medo dos jornalistas também está em torno de suas próprias vidas. De acordo dados de 2021⁴ divulgados pela Unesco e Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o Brasil, por exemplo, está entre os 10 países que mais matam esses profissionais no mundo. Tal descrédibilização e perseguição também foi possível de ser percebida no filme *Spotlight - segredos revelados*, já que apurações investigativas costumam ser as mais ameaçadas.

Apesar de tudo, o jornalista ainda pode ser o herói da história, como são os heróis que fornecem as notícias diárias, mesmo com toda desvalorização e riscos, como os jornalistas do filme, vencedores do prêmio *Pulitzer*. Ainda é possível ser um bom profissional, principalmente se estiver alinhado aos padrões dos códigos de ética de seus países.

2.4 O JORNALISMO NA ERA DIGITAL

Segundo Bernardo Lins (2013), a internet surgiu nos anos 1960, durante a Guerra Fria, quando os Estados Unidos lançaram um sistema de defesa para dotar a comunidade acadêmica e militar de uma rede de comunicações que pudesse sobreviver a um ataque nuclear. Tal embate marcou o surgimento das primeiras conexões virtuais, precisamente no ano de 1969, quando a primeira ligação de rede foi efetuada entre a Universidade de Stanford

³ Disponível em ABREU, D. STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista. **G1**, 17 jun. 2009. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1198310-5598,00-STF+DERRUBA+EXIGENCIA+DE+DIPLOMA+PARA+EXERCICIO+DA+PROFISSAO+DE+JORNALIST+A.html>. Acesso em 30 jun. 2023.

⁴ Disponível em: FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Relatório 2020**. Brasília: FENAJ, 2020. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em: 1 maio 2023.

e a UCLA. A partir daí o impacto reverberou em todos os espaços, sobretudo nos meios de comunicação.

Numa era em que qualquer pessoa pode virar repórter ou comentarista na Internet, temos um jornalismo de duas mãos, diz ainda Seeley Brown. O jornalista se converte numa espécie de moderador de discussões, e não em um simples professor ou conferencista. O público se converte não em consumidores, mas em promotores, um híbrido de produtor e consumidor. (Kovack; Rosenstiel, 2003, p. 41).

Segundo Nelson Traquina (2005), um dos impactos presentes nas transformações do jornalismo é o imediatismo, pois cada vez mais surge a necessidade de se consumir notícias mais rapidamente. Esse imediatismo foi um dos responsáveis por um vilão muito conhecido no século XXI: as chamadas fake news ⁵. Em razão de toda a urgência de se propagar as notícias pelo fator da exclusividade dos veículos de mídia, os processos de apuração já não são mais os mesmos, sendo esses mais rápidos e superficiais. O seguimento disso se desdobra nos consumidores de notícias, que estão cada vez mais expostos à possibilidade de notícias falsas de matérias, que em muitos momentos não tiveram atenção nas pesquisas da forma devida.

Na obra cinematográfica de análise, é evidente notar os impactos da internet. Ainda nos primeiros minutos do filme, é possível ver dois jornalistas da equipe comentando sobre a queda do número de leitores do jornal *The Boston Globe*. O ano era 2001 e o crescimento da internet já influenciava no jornalismo impresso.

Para Bernardo Kucinski (2005), é indiscutível que a internet também se tornou uma facilitadora das notícias. A velocidade do jornalismo online é um facilitador entre o repórter no exercício do trabalho de campo e seu aparelho de celular, ele recebe as novas funções do seu chefe na redação que acabou de ler as notícias e a partir disso esse repórter é capaz de exercer seu trabalho com mais agilidade.

Ramonet (2012) completa o que já foi dito quando menciona que uma das novidades que a nova era trouxe ao jornalismo é o amadorismo. Atualmente, os consumidores de notícias são leitores-ouvintes, telespectadores e também produtores simultaneamente, pois, além de ler, também fotografam, filmam, comentam e analisam.

Ainda segundo Ramonet, o século XXI faz de todos, de certa forma, jornalistas, fazendo dos milhões de conectados maiores que veículos de mídia como CNN, BBC, TF1, pois estes somados em números passam de bilhões de usuários nas redes sociais, por exemplo.

⁵ “Fake news são afirmações que agem como notícias e que são deliberadamente fabricadas para enganar” (Filho, 2018, p. 2 *apud* Gelfert, 2018, p. 108).

O autor afirma que o jornalismo não há de desaparecer, até porque, segundo ele, nunca houve outra época tão propícia para exercer a função jornalística, considerando que nunca tivemos tanta audiência e tantos consumidores.

Por outro lado, com o desenvolvimento dos meios digitais, uma espécie de crise do jornalismo, já citada no capítulo anterior, torna-se mais evidente. Estar por trás das telas, além de trazer a sensação de aproximar as pessoas, também cria a impressão de uma sociedade sem limites (Shariff, 2011).

Ainda assim, é importante estar consciente dos benefícios da mídia na era digital para a comunicação social, por exemplo, as facilidades do acesso às notícias, em multidispositivos, especialmente o celular. Graças a isso, atualmente, um número maior de pessoas acessa informações relevantes para a vida em sociedade, o que por muito tempo era um luxo apenas para a sociedade aristocrática.

3 O QUE É O JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo investigativo pode ser definido, segundo Aguiar (2006, p. 2), como “uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres”. O autor ainda destaca que o jornalismo investigativo é responsável por divulgar informações sobre os desvios de conduta que sejam prejudiciais ao interesse público e afetam a sociedade.

Pensar no jornalismo investigativo é, de acordo com Fortes (2005), um ato pleonástico, uma vez que toda e qualquer atividade jornalística exige investigação. Em consonância com Fortes, Rocha e Noronha (apud König, 2016, p. 9), “qualquer cobertura jornalística pressupõe uma investigação. O que diferencia uma da outra é o grau de dedicação e profundidade com que o profissional investiga o caso”.

Ainda seguindo as reflexões de Leandro Fortes, a diferença básica entre o jornalismo convencional e o de caráter de investigação é a forma como as apurações são feitas: são demoradas e minuciosas, na maioria das vezes envolvendo casos de circunstâncias mais complexas.

Outros autores também discorreram sobre a definição de jornalismo investigativo, tal como Hunter (2013, p. 8), que afirma que o gênero jornalístico investigativo envolve “expor questões ocultas, seja deliberadamente por alguém em alguma posição de poder”.

Após pontuarmos algumas possíveis definições de jornalismo investigativo, é válido entender sua funcionalidade na sociedade. Sequeira (2005) acredita que:

O jornalismo investigativo tem como função desvendar as causas, as origens de um acontecimento, sem nunca ficar limitado ao factual; driblar lobbies e estratégias de marketing usadas por assessores de imprensa, na sua função de criar uma imagem positiva diante da sociedade dos grupos políticos, econômicos e sindicais que representam. É função ainda do jornalismo investigativo seguir o rastro de histórias ou acontecimentos que, em determinado momento, foram notícia, mas acabaram saindo das páginas dos jornais — com o objetivo de checar se esses fatos, da forma como foram divulgados, não trouxeram prejuízos à sociedade. (Sequeira, 2005. p.112-113).

O jornalismo investigativo também cumpre a função social de preservação da memória coletiva. Segundo Oliveira (2022, p.16-17), “A investigação jornalística é um dos mecanismos que vem transformando tragédias, notícias e acontecimentos, em fatos históricos que contribuiriam para o acervo cultural do país”. De acordo com Hunter, o mundo está cheio

de sofrimento, e esse sofrimento muitas vezes é resultado de imoralidades e erros. Por essa via, o jornalismo investigativo surge como solução para a diminuição do sofrimento, da crueldade e da estupidez.

Durante o procedimento do fazer jornalístico convencional, algumas questões são exploradas, como o “quem?”, o “o quê?” e o “onde?”. No jornalismo investigativo, as possíveis respostas a essas e outras perguntas são desenvolvidas de maneira mais alargada.

O ‘quem’ não é apenas um nome ou um título, e sim uma personalidade, com traços de caráter e um estilo. O ‘quando’ não está presente nas notícias, e é um continuum histórico – uma narrativa. O “que” não é meramente um evento, e sim um fenômeno com causas e consequências. O ‘onde’ não é apenas um endereço, e sim uma ambientação, na qual certas coisas se tornam mais ou menos possíveis. Esses elementos e detalhes dão ao jornalismo investigativo, em sua melhor forma, uma poderosa qualidade estética que reforça o seu impacto emocional. (Hunter, 2013, p. 8).

Outra especificidade do jornalismo investigativo é o tempo dedicado na produção de uma reportagem. Segundo Noronha (2018), o tempo é um dos elementos principais para a elaboração da reportagem, já que a partir dele o jornalista terá mais condições de realizar um bom levantamento de dados, entrevistas mais completas, observação direta, bem como a checagem das informações. O processo de produção demorado tem como objetivo conferir a precisão dos dados e informações.

No filme *Spotlight*, objeto da reflexão proposta neste trabalho, as checagens dos fatos levantados pela equipe do jornal *The Boston Post* aconteceram entre 2000 e 2001. Além de um grande acervo de fontes, eles atuaram também usando as virtudes da insistência, perseverança, objetividade, concentração, paciência e precisão; características importantes e explicitadas por Fortes (2005).

O jornalismo investigativo inicialmente se popularizou nos Estados Unidos na década de 1950, e surgiu no contexto da participação do país na Guerra do Vietnã, quando os jornalistas norte-americanos introduziram o pensamento crítico em forma de investigações em relação à situação que a nação vivia. Para Aguiar (2005, p. 3):

A necessidade de um gasto financeiro para além das rotinas cotidianas das coberturas jornalísticas ou obtenção de financiamento explica, em parte, por que o jornalismo de investigação prosperou nos Estados Unidos, onde fundações e instituições universitárias costumam destinar recursos a esse tipo de pesquisa.

Há algumas discordâncias sobre a origem do jornalismo investigativo. Melo (2015) afirma que alguns autores como Bill Kovach e Rosenstiel acreditam que o surgimento do gênero jornalístico pode ter origem desde as primeiras práticas de jornalismo há mais de

duzentos anos. Como também algumas evidências de jornalismo investigativo foram descobertas na Inglaterra, quando panfletos de jornais desafiavam as autoridades, desenterrando corrupções e descumprimento de regras britânicas (Protess *et al.*, 1991 *apud* Melo, 2015, p. 31).

Nos Estados Unidos, um exemplo de destaque no jornalismo investigativo é o caso *Watergate*, um dos maiores escândalos políticos dos Estados Unidos até hoje estudado nos cursos de comunicação em todo o mundo. O acontecimento envolve um crime de corrupção no governo presidencial de Richard Nixon, além da tentativa de instalar um esquema de espionagem do republicano ao Partido Democrata. Devido às investigações da imprensa, o então presidente acabou renunciando em 1974.

A investigação virou filme mais tarde, no ano de 1976, dirigido pelo norte americano Alan Pakula. *Todos os homens do presidente* é outra obra cinematográfica que retrata a rotina de jornalistas investigativos em busca da verdade. A obra foi indicada ao Oscar, levando quatro prêmios, de Melhor Ator Coadjuvante, Melhor Direção de Arte, Melhor Som e Melhor Roteiro Adaptado.

Segundo Leandro Fortes, em razão de lidar com grandes poderes, exercer o jornalismo investigativo requer coragem, por ser uma atividade que, em muitas vezes, pressupõe uma apuração perigosa, com riscos, pois desmascarar fraudes, expor injustiças e divulgar informações ocultas, coloca o repórter e a imprensa como intimidadoras a esses grandes poderes.

Se expor dessa forma custou caro para muitos, a exemplo do jornalista brasileiro Tim Lopes, morto aos 51 anos de idade por traficantes do Rio de Janeiro, enquanto cobria uma reportagem sobre o aliciamento de menores e o tráfico de drogas no Complexo do Alemão. A partir do fato, o jornalismo se mobilizou sobre os limites do jornalismo investigativo, e acima de tudo, os riscos aos jornalistas.

No ano de 2017, foi criado o programa Tim Lopes, por iniciativa da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). O projeto tem como objetivo promover o asseguramento dos profissionais jornalistas, que estatisticamente são alvos constantes de ameaças e agressões, além de acompanhar o rumo das investigações de profissionais assassinados para que não entrem nas estatísticas da impunidade. Sobre os processos de investigação de mídia no Brasil, esse só foi possível após o ano de 1985, já que antes disso o país estava vivendo as tensões de uma ditadura rígida, baseada na censura. Somente com a redemocratização que os métodos de investigações se tornaram organizados (Fortes, 2005).

O jornalismo investigativo brasileiro possui alguns nomes de destaque, como o jornalista Caco Barcellos, autor do livro *Rota 66*, de 1997, sobre a investigação de assassinatos de jovens pela PM. Graças a esse trabalho de longos anos de pesquisas foi possível a descoberta de cerca de 4.200 pessoas que foram assassinadas na mesma situação. Barcellos também está à frente do programa de jornalismo “Profissão Repórter”, que acompanha a rotina dos jornalistas na cobertura das notícias.

Além de Barcellos, o jornalista Roberto Cabrini também é reconhecido por suas reportagens e documentários investigativos, sendo vencedor de vários prêmios, como de melhor repórter da TV brasileira em 1993, entre dezenas de outras premiações por excelência profissional. Cabrini também é autor do livro *Na rota da notícia*, de 2019, onde narra mais detalhes dos bastidores de suas matérias mais conhecidas, desenvolve o passo a passo de cada processo investigativo e conta como supera a ansiedade para aguardar a hora certa para finalmente publicar as reportagens.

No cenário atual, outras referências em jornalismo investigativo podem ser citadas, como a jornalista Daniela Arbex, que aborda temas sociais relevantes em suas reportagens e livros. Em uma de suas obras, o livro *O holocausto brasileiro*, ela denuncia as atrocidades vividas pelos pacientes do hospital psiquiátrico Colônia, localizado em Barbacena, MG, um capítulo sombrio na história do Brasil, que conta com centenas de mortes ou casos de pessoas em estado de desumanidade. Daniela Arbex também escreveu o livro *Cova 312*, que traz as investigações da morte do guerrilheiro Milton Soares de Castro durante a Ditadura Militar de 1967. Em virtude das apurações da jornalista, foi possível dar um novo rumo ao que a família pensou ser o destino de Milton. O trabalho de Arbex dá indícios que boas reportagens investigativas não necessariamente precisam vir de grandes instituições.

Nosso conceito de jornalismo investigativo é amplo: é todo tipo de reportagem que demande uma apuração mais complexa. Ou seja, não é privilégio de alguns jornalistas iluminados. Qualquer repórter, dispoindo de boas técnicas de reportagem, pode transformar até assuntos corriqueiros em uma investigação. (Fortes, 2005, p. 25).

O jornalista investigativo britânico David Leigh concedeu uma entrevista ao site Observatório da Imprensa em 2013⁶ e ao ser perguntado pelo jornalista Ben-Hur Demeneck sobre o que ele considerava as principais ameaças ao exercício do jornalismo investigativo, ele considerou dois pontos. Primeiro, os ataques aos jornalistas, seja através de processos

⁶ Disponível em: DEMENECK, B.H. Brasil tornou-se polo de jornalismo investigativo. **Observatório de Imprensa**, 29 out. 2013. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed770_brasil_tornou_se_polo_de_jornalismo_investigativo/. Acesso em: 31 jan. 2024.

judiciais, ameaças, sequestros e até mesmo assassinatos; e, em segundo, a falta de financiamento desse tipo de reportagem devido às mudanças nos negócios das organizações jornalísticas, negócios que, tal como são conhecidos, estão desaparecendo por conta da internet.

Ainda sobre os obstáculos vividos pelo jornalista, um monitoramento conduzido pela Abraji, expôs que ataques contra profissionais brasileiros cresceram 26,9% em 2022. Os números reforçam a necessidade de aumentar a proteção dos profissionais da imprensa.

Sequeira (2004) levanta outras questões desafiadoras ao exercício do jornalismo de investigação, como a solidão. A autora menciona o testemunho de Percival de Souza (jornalista investigativo brasileiro de destaque), que alega ser a maior dificuldade da profissão as várias semanas ou meses longe de casa, da família e de amigos, à procura de fontes, apurando informações e checando dados.

Atualmente é possível consumir jornalismo investigativo de qualquer lugar. Hoje, além dos leitores, o gênero também atrai milhares de ouvintes, especialmente porque os fatos investigados pela imprensa também ganharam o formato de áudio: os *podcasts*⁷. Com isso, não há mais necessidade de ler matérias enormes para acompanhar uma investigação. Se o consumidor preferir, basta conectar seus fones de ouvido.

3.1 A APURAÇÃO EM JORNALISMO E A INVESTIGAÇÃO

Segundo compreende Terezinha Silva (2022, p. 28), “A apuração jornalística é um conjunto de práticas e procedimentos através dos quais o(a) jornalista realiza a captação e checagem de informações para compor a matéria jornalística”. Ainda segundo Silva, há muitas formas de se chegar às informações e verificá-las, seja através de realização de entrevistas, pesquisa nos documentos e dados, observação direta no local do acontecimento. Tais maneiras de apuração são possíveis de serem notadas no objeto desta monografia, uma vez que os jornalistas do *Spotlight* fazem todo o processo de checagem dos fatos para a escrita da matéria jornalística.

O papel ideal do jornalista é apurar para publicar. Atentar para a veracidade e importância do fato para a sociedade. Verificar se o fato eleito como fato jornalístico tem componentes balizados pelo interesse público e conexão com as gerações dos direitos fundamentais do cidadão. (Sobrinho, 2013, p. 152).

⁷ Podcasts são um formato de conteúdo em áudio distribuído através de plataformas de *streaming* (como o Spotify e Apple Podcasts).

Outros autores também discutiram o ato de averiguações no jornalismo, como Luiz Costa Pereira, que no seu livro *Apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa* (2006) faz um guia completo dos conceitos e processos da apuração no jornalismo:

[...] apuração preliminar, a exploração das fontes, documentos e publicações, numa pesquisa prévia à formulação da pauta. É a base de informações para sustentar uma investigação, como saber a credibilidade das fontes que nos lançam a pista inicial. Ajuda a estabelecer a viabilidade da pauta se não estaria propondo o impossível de ser apurado – e se ela justifica. (Pereira Júnior, 2009, p. 78).

Para o desenvolvimento de uma boa investigação jornalística, Pereira Júnior (2009) elabora um passo a passo para o desenvolvimento de uma reportagem, com dicas de como produzi-la. Tal orientação possui quatro fases imprescindíveis para a produção, sendo elas: a fase 1 consiste na elaboração da pauta a partir de uma pista inicial, de uma sondagem, e da preparação da pauta em si; a fase 2 faz parte a pré-produção, com análise das fontes e sequência de abordagem; a fase 3 é a da produção, quando há confrontação de informações e checagem; e, por fim, a fase 4 após a produção, que consiste na redação, na produção visual da reportagem e na reserva de documentação.

O contato com as fontes é a principal matéria-prima do trabalho jornalístico, segundo Lopes (2000, p. 339), além disso, a autora explora a origem da palavra “fonte”: “[...] no étimo latino da palavra descobrimos que deste vocábulo emergem significados como o de lugar onde nasce perenemente água”. Pela relevância das fontes para uma reportagem, os jornalistas devem tratá-las com respeito, segundo Fortes (2005, p. 37), “As fontes são uma das chaves da profissão e uma das razões da longevidade dos bons repórteres, principalmente os que cobrem as áreas policiais e militares. Quando uma fonte fala em off, em off deverá estar a informação passada por ela.”.

Para Hunter (2013), o processo de busca de fontes é um fator importante para a apuração no jornalismo investigativo. Para isso, o autor criou um mapeamento que serve como um guia para encontrar os personagens da reportagem investigativa. As tarefas incluem: “identificar os atores centrais (indivíduos e instituições), identificar questões centrais que dizem respeito aos atores e entender datas e eventos na sua história até o presente.” (Hunter, 2013, p.33)

Segundo Lage (2001), as fontes jornalísticas podem ser classificadas entre: oficiais, oficiosas, independentes, primárias, secundárias, testemunhos e *experts*. As entrevistas com fontes oficiais trazem pessoas que falam em nome do Estado, instituições, empresas e organizações. As oficiosas são as pessoas que fazem parte de órgãos superiores, mas que não

são habilitadas para falar em nome deles. As fontes definidas como independentes são aquelas que não estão envolvidas diretamente com as relações de poder que permeiam certas pautas; as primárias ou secundárias oferecem informações diretas (número de telefone, endereço, documentos oficiais etc) ou indiretas (informação de conceitos, por exemplo, que ajudarão o jornalista na apuração, sem necessariamente estarem envolvidas com o fato). E, por fim, as fontes testemunhais, ou seja, vinda daqueles que vivenciaram ou presenciaram o fato; e o *expert*, que fornece informações de caráter especializado sobre o que está sendo investigado.

Além da separação dos personagens das entrevistas, outro fator crucial para lidar com elas é o laço de confiança que o jornalista cria com essas fontes para que ela tenha intimidade para falar as informações, mas que fique claro que intimidade não significa se relacionar pessoalmente, pois isso pode influenciar de forma negativa na apuração. Um princípio essencial sobre ouvir fontes é que essas não podem ser limitadas somente às vítimas. A diversidade do relato é muito importante. Para Heraclito (2003), ouvir os suspeitos e acusados é uma soma para o jornalismo investigativo, embora algumas precauções possam ser tomadas, por exemplo, iniciar a reportagem dando voz a essas pessoas pode não soar muito bem.

Perry Costa (2005, p. 95) também apresenta estudos para essa temática. Segundo ele, “Apurar uma matéria, portanto, é deixar puro, limpo e claro o que aconteceu”. Para além disso, o autor elenca passos para o processo de apuração. O jornalista deve se informar previamente sobre o assunto que pretende noticiar, e aqui deixa claro que o jornalista não precisa ser um especialista em tudo, mas que é importante se manter atualizado. Também é essencial ter um grande acervo de fontes e ouvir várias versões, por mais conflitantes ou enganosas que elas pareçam.

Após a reunião das informações, existem mais três movimentos fundamentais que os jornalistas precisam fazer: selecionar, ordenar e hierarquizar as informações colhidas, lembrando ainda da importância da checagem da veracidade de cada uma delas (Costa, 2005).

O rigor da apuração esteve presente na representação cinematográfica de uma equipe jornalística em *Spotlight*. Eles adotam todos os passos essenciais para chegar aos culpados pelo crime investigado, e isso se torna ainda mais valoroso por se tratar de um assunto tão delicado, o abuso sexual, que envolve a fragilidade de crianças e o poder de uma instituição social tão influente, que é a Igreja Católica.

Durante a investigação da equipe *Spotlight*, os jornalistas usaram um método de apuração nomeado por Hickmann como cruzamento de informações.

A técnica de cruzamento das informações coletadas, a procura incessante por dados e materiais que pudessem complementar e sustentar a acusação, até a publicação da

reportagem. Além disso, o fato de a equipe de repórteres ter encontrado um padrão na designação das transferências de cada padre que cometia violência sexual contra menores, de uma paróquia para outra, foi de suma importância para desvendar todo o sistema. (Hickmann, 2017, p. 85).

Além do cruzamento de informações, a equipe de repórteres do filme reuniu um grande número de documentos, processo indispensável na apuração do jornalismo investigativo. “A importância da fase documental está no fato de que é ela que dará credibilidade à matéria. Os leitores que se interessam por reportagens investigativas querem saber dos fatos, que estarão melhor respaldados se apoiados em documentação.” (Lopes, 2003, p. 23).

Em conformidade com a importância do acervo documental, Sequeira (2005) afirma que além dos documentos darem segurança ao repórter para prosseguir sua investigação, a documentação dará mais confiabilidade à reportagem.

Segundo Oliveira (2017), o processo de apuração é o que diferencia o jornalismo investigativos dos demais gêneros. Algumas estratégias são usadas por esses profissionais, como a infiltração, quando o jornalista omite sua identidade e se insere no centro dos acontecimentos a fim de apurar os fatos de maneira direta; e o uso de grampos ou câmeras ocultas, com objetivos de armazenar informações confidenciais, muitas vezes sem o consentimento do entrevistado. Algumas práticas jornalísticas como a falsidade ideológica e as gravações sem consentimentos são rebatidas por alguns autores, como, por exemplo, Fortes (2005), que define o não consentimento do entrevistado em ser gravado como problemático.

Outro princípio na apuração do gênero jornalismo investigativo é a discricção. Por se tratar de temas de caráter de denúncia, muitas vezes envolvendo crimes, é que nasce a importância de levantar informações que revelem os possíveis responsáveis pelo ocorrido. Por isso, uma apuração bem-feita evita acusações injustas ou erros no momento de expor os fatos: um sobrenome errado, uma foto adulterada ou fala fora de contexto podem se tornar uma tragédia (Fortes, 2005).

Fortes (2005) expõe outras estratégias na hora de apurar. O autor salienta a importância de nunca partir de princípios pessoais, religiosos ou ideológicos para definir o rumo de uma apuração. No exemplo da equipe de jornalistas da equipe *Spotlight*, que investigou casos de pedofilia na Igreja Católica, os repórteres se mantiveram distantes de discriminações religiosas.

Para Hickmann (2017), em razão de muitas investigações jornalísticas envolverem informações sigilosas – principalmente quando se tratam de casos delicados, como as investigações policiais –, divulgar partes da apuração do repórter antes da conclusão da

reportagem pode colocar a vida de pessoas em risco, ou até mesmo atrapalhar o trabalho de autoridades.

Durante o processo de apuração da equipe *Spotlight*, nenhum desses comportamentos são reproduzidos. Todas as entrevistas são anotadas a punho sem gravadores, e com o consentimento das fontes ouvidas. Também não ocorre sequer a infiltração ou burla de identidade: os jornalistas se apresentaram formalmente antes das entrevistas.

Sabe-se que o jornalismo e a polícia são duas instituições diferentes, contudo, segundo Hickmann (2017), é necessário que o jornalista também tenha conhecimento sobre algumas questões do meio policial, como:

Seleção de pistas, análises de provas e indícios. Significa dizer que o repórter deve prestar atenção tanto às informações oficiais como àquelas que ele mesmo irá, obrigatoriamente, coletar durante a apuração. Sua excelência advém da convivência com boas fontes policiais, promotores, procuradores e magistrados, o que tende a criar uma relação positiva do repórter com os meandros desse tipo de notícia. Faz, por exemplo, com que o jornalista passe a trabalhar sobre hipóteses plausíveis e aprenda a se safar de falsas pistas e manipulações de fontes inescrupulosas. (Hickman, 2017, apud Fortes, 2005, p. 38-39).

No que tange ao jornalismo investigativo e o uso da internet, em certo ponto de vista, as redes se tornaram uma facilitadora da apuração jornalística. Para Sobrinho (2013, p.151), “não se concebe, por exemplo, que um jornalista aborda uma fonte sem ter pleno conhecimento de seu perfil e dos valores que defende”. Ou seja, a internet surgiu como uma facilitadora para acessar previamente as fontes antes da entrevista.

No entanto, Sobrinho também acredita que com o crescimento da internet e da proliferação das notícias em tempo real houve também o abandono da parte de alguns jornalistas da apuração, componente essencial do jornalismo.

Puccinin (2003) também avalia que a internet trouxe vantagens e desvantagens para os processos de apuração. Segundo a autora, alguns sites noticiosos são tidos como copiadores de informação, reproduzindo, por exemplo, “*gilete press*”, isto é, recortes de notícias de outros veículos e “chupadores de informação” para os jornalistas da Web, fazendo alusão ao trabalho de copiar e colar arquivos de rádio, TV ou jornal.

Entretanto, na visão de Fortes (2005), a internet é uma grande aliada nas reportagens, por ser uma ferramenta poderosa de investigação e pesquisa, ele acredita que alguns, infelizmente, se acomodaram com a apuração superficial, mas que os bons jornalistas investigativos saberão tirar proveito de tudo que ela pode oferecer.

4 APONTAMENTOS SOBRE O CINEMA E A REPRESENTAÇÃO DOS JORNALISTAS

A “sétima arte”, como é conhecido o cinema, se trata de apresentações de narrativas num panorama horizontal, com imagens em movimento, com fala e som (Ramos, 2015). Para relembrar a história do cinema e o seu surgimento, é preciso voltar no tempo, no ano de 1895, quando Auguste e Louis, conhecidos como os irmãos Lumière, fizeram a primeira exibição pública de imagens em movimento, algo totalmente novo e revolucionário para as pessoas que só estavam acostumadas com fotografias estáticas.

O acontecimento ocorreu numa cafeteria em Paris, na França, e se tratava de uma exposição audiovisual com duração de cerca de 20 minutos. O público se maravilhou e se espantou assistindo às imagens de *Empregados deixando a fábrica Lumière* e de *Chegada de um trem à estação de la Ciotat* (Abreu, 2020).

No entanto, existem contestações sobre esse surgimento, haja vista que em outros países como Alemanha, através da invenção de outros dois irmãos, Max e Emile Skladanowsky, e os Estados Unidos, através do brilhante inventor da lâmpada elétrica, Thomas Edison, também estavam desenvolvendo métodos que fossem capazes de expor imagens em movimento, antes mesmo dos irmãos Lumière (Morettin, 2009).

Segundo informações do site Instituto De Cinema⁸ por Isabella Thebas, as contribuições de Thomas Edison para o cinema começaram ainda nos anos de 1890, com a invenção do cinetoscópio, uma máquina, espécie de caixa, que ao se aproximar os olhos eram projetadas uma sequência de imagens. O que alçou Edison a pioneiro da prática cinematográfica.

Ainda de acordo com informações do site, existe também a fase do pré-cinema, com registros em 5.000 a.C., na China. O *Teatro de Sombras* se trata de uma arte muito antiga de

⁸ Disponível em THEBAS, I. A origem do cinema. **Instituto de Cinema**, s.d. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema>. Acesso em: 8 ago. 2023.

contar histórias com bonecos de sombra. A técnica utiliza projeção de sombras, em paredes ou telas de linho, onde eram narradas a vida cotidiana e outros temas.

Também existe a fase do cinema quando ele ainda não era narrativo. De acordo com Flávia Cesarino Costa (1995), esse momento durou até os primeiros dez anos após o seu surgimento, e que devido ao primitivismo do fazer cinematográfico, encontrava dificuldades na construção de histórias. Somente após vinte anos desse momento inicial é que o cinema finalmente ganhou caráter narrativo, e as técnicas usadas evoluíram mais. Um grande precursor para a história do audiovisual foi Georges Méliès, um ilusionista francês, responsável pela quebra da monotonia da primeira fase, com a criação dos efeitos especiais. “Ele quer compartilhar conosco o prazer de assistir às transformações mágicas que o cinema permite.” (Costa, 1995, p. 55). Méliès é famoso no mundo do cinema não só por isso, mas também por ter dirigido e roteirizado um dos filmes mais importantes e conhecidos dessa fase primitiva cinematográfica, *Le Voyage dans la lune* – traduzido para o português: *A viagem à Lua*. Essa obra foi pioneira nas técnicas inovadoras para sua época. Ele ainda apresenta uma experiência totalmente nova, de narrativas do cinema.

Israel Foguel (2015) aponta outros avanços que foram notados no cinema, por exemplo, a duração dos filmes, que passaram a ser mais longos, deixando de ser exhibições de 10 a 15 minutos e passando a ter 70 minutos em média, como o filme australiano *The History of the Kelly Gang*, de 1906, o primeiro longa-metragem da história. Foguel (2015) considera que o cinema muito se desenvolveu com o passar dos anos. No entanto, ainda nas décadas de 20 e 30, as técnicas de som e imagem não estavam plenamente desenvolvidas.

Os filmes eram praticamente silenciosos, sendo acompanhados, muitas vezes, por música ao vivo, outras vezes de efeitos especiais, narrações e diálogos escritos presentes entre cena. Tendo destaque para Charles Chaplin, sendo considerado uma das figuras mais importantes para o cinema mudo. (Foguel, 2015, p. 14).

Após a Primeira Guerra Mundial, a indústria de cinema europeia sofreu uma drástica recaída, sendo ultrapassada pelo fazer cinematográfico americano, a chamada era hollywoodiana. O vilarejo de Hollywood, localizado na costa oeste de Nova York, era perfeito para todas as ideias de filmes, pois o povo americano era considerado muito mais diverso. Em Hollywood era possível desenvolver filmes com a participação de diferentes etnias: brancos, negros, latinos e indígenas. Além de um clima mais ensolarado, favorável para as filmagens. A partir daí, Hollywood se tornou a “meca do cinema” (Foguel, 2015).

Segundo Roberto Capparelli Figurelli (2013), Edwin S. Porter (1869-1941) e David Wark Griffith (1875-1948) são figuras essenciais para o desenvolvimento do cinema. Porter

foi um grande produtor de filmes como *A vida de um bombeiro americano*, *O grande assalto do trem* e *João e o Pé de Feijão*. Griffith, por sua vez, foi um diretor e também ator de filmes. Algumas de suas principais obras foram: *O Homem do clã*, *Queda da Babilônia*, *A paixão de Cristo*, *A noite de São Bartolomeu* e *A Mãe e a Lei*. *O Homem do clã*, por exemplo, foi um filme sem roteiro dirigido, somente com suas ideias, possuía 12 rolos e uma produção minuciosa e se tornou uma das mais longas produções americanas, o primeiro drama, que mais tarde teve seu nome alterado para *O Nascimento de uma Nação*, um grande clássico reconhecido até hoje.

Além dos Estados Unidos, outras nações estavam na corrida pela evolução das técnicas de produção cinematográfica. Na França, por exemplo, crescia o Impressionismo ou cinema de vanguarda, marcado pelos cineastas Abel Gance e Jean Epstein. Tal estilo é marcado pelo olhar subjetivo em relação aos personagens, que retratava principalmente o perfil psicológico. (Martins, 2006).

A Alemanha, mesmo depois da derrota na Guerra, não deixou de contribuir para o cinema. O Expressionismo contou com produções de cineastas como Robert Wiene, que mais tarde influenciou Alfred Hitchcock, Tim Burton e Ridley Scott. O perfil expressionista é marcado pela estética fantasmagórica, a presença de maquiagens góticas, cenários fúnebres e temas mórbidos e/ou sobrenaturais (Cánepa, 2006)

Na Espanha, o movimento Surrealista se destacou com o cineasta Luis Bunuel, autor de grandes obras como *Un Perro Andaluz* e *A idade de Ouro*.

O Surrealismo se baseia na crença de que a realidade que conhecemos é uma realidade imposta aos homens, algo forjado que busca aprisionar os indivíduos; acreditava e defendia que era preciso construir uma nova realidade e que ela precisava ser libertadora para o homem e sua sociedade. Essa nova realidade era chamada pelos surrealistas de realidade surreal. (Fonseca, 2019, p. 53).

Cañizal (2006) caracteriza o movimento surrealista no cinema como a exploração do subconsciente e tudo que é fantasioso, com um toque da estética dadaísta e o rompimento com o lógico. A Rússia, por sua vez, desenvolveu suas táticas em cinema ainda durante a Revolução Russa de 1917. Durante esse período, ela foi responsável por uma nova técnica de montagem de cinema, a “intelectual” ou “dialética”. Nesse período, o cineasta que se destacou foi de Serguei Eisenstein, tendo como a sua mais conhecida obra o filme *O Encouraçado Potemkin*.

Lucas Pilatti Miranda (2018) afirma que o cinema soviético tem suma importância na história, pelos dois maiores avanços trazidos pelos cineastas russos, que foram a produção de documentários e a técnica de montagem e de sobreposição de imagens.

E assim, o cinema buscou novas performances e se expandiu por todas as partes do mundo, incluindo o Brasil, que teve sua primeira exibição em 8 de julho de 1896, no Rio de Janeiro, por iniciativa do itinerante belga Henri Palie. Para esse marco, não houve a presença da comunidade popular, já que os ingressos não foram baratos, e assim só contou com a elite carioca.

Os primeiros cineastas conhecidos no Brasil, são na verdade italianos, os irmãos Sagretos (Affonso e Paschoal). Os Sagretos realizaram seu primeiro trabalho com o início das filmagens da Baía de Guanabara e foi lançado em 19 de junho de 1889. A data até hoje é considerada o dia do cinema nacional.

Segundo indica Kreutz (2019), o cinema brasileiro sofreu muitos altos e baixos durante sua história. A primeira Guerra, o domínio de Hollywood, crises econômicas e a Ditadura Militar (1964-1985) enfraqueceram o cinema brasileiro. Apesar disso, se manteve vivo, se recuperando nas fases do cinema novo na década de 1960 e na fase de retomada no início dos anos 1990.

Atualmente, o cinema continua sendo uma poderosa ferramenta de expressão artística e representação de histórias diversas, e cada vez mais possui um papel primordial na sociedade contemporânea na preservação da cultura. Para Oliveira (2006), o cinema também é meio extraordinário de circulação do conhecimento, de difusão de novas experiências e valores culturais, além de através das experiências vivenciadas nos filmes ser possível compor boa parte do arsenal simbólico através do qual a opinião pública é formada.

Entre as várias narrativas expostas, um retrato comum no audiovisual é de jornalistas exercendo sua profissão, que é o caso do objeto de análise deste trabalho, fomentando discussões de como essas representações atuam no imaginário coletivo, e como os elementos do jornalismo estão sendo veiculados nas grandes telas.

4.1 A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA NO CINEMA

Segundo Isabel Travancas (2001), em seu estudo sobre o jornalista como personagem de cinema, a sétima arte é ferramenta de incentivo social, capaz de penetrar nas várias camadas sociais construindo mitos e disseminando conteúdos vinculados às mais diversas profissões em forma de personagem, como, por exemplo, a do jornalista. Sabendo do impacto

da indústria cinematográfica desde o século XIX, e os vários filmes que retratam a profissão jornalística, é plausível pensar que essa representação contribuiu para a criação dos estereótipos, influenciado as opiniões do público.

Travancas (2001) questiona qual a representação do jornalista foi mais exposta nas telas de cinema nos últimos tempos: a figura do profissional de imprensa vilão, aquele que não possui ética e caráter e faz de tudo para se autopromover, ou a do herói, aquele que levanta pautas importantes, busca incessantemente pela democracia e arrisca a própria vida em nome da verdade.

A conclusão de sua pesquisa, através de um levantamento entre os anos 1980 e 1990, é que houve mais perspectivas positivas da profissão nas obras de audiovisual analisadas por ela. Filmes como *Todos os homens do presidente* (EUA, 1976), *Herói por acidente* (EUA, 1992) e *Bastidores da notícia* (EUA, 1987) definem o jornalista como profissionais engajados, que se comprometem com o fazer jornalístico baseado em princípios morais.

O cinema ao glamourizar esta ocupação reforça a ideia do jornalista no coração da notícia e com capacidade de interferir na realidade e, em muitos casos, modificá-la. Ainda que muitas vezes por acidente. Herói por acidente. (Travancas, 2001, p. 12).

Por outro lado, a autora reforça que também há outros modelos (do tipo vilão) de exibição do jornalista no cinema, tal como no filme de Billy Wilder *A montanha dos sete abutres*, de 1951, que conta a história de um jornalista, Charles Tatum, que após chegar na cidade de Albuquerque, foi contratado por um jornal, mas percebe que aquele lugar é muito pacato e não o impulsionava como profissional. Num certo dia, Tatum descobre que um homem (Leo Mimosa) havia sido soterrado, então, a partir daquele momento, ele decide usar desse acontecimento como uma oportunidade de se autopromover, fazendo com que o resgate de Mimosa se tornasse um grande espetáculo midiático, por razões de sua enorme ambição.

De acordo com Christa Berger (2002), à época de sua pesquisa, existiam 785 filmes com enredo de jornalistas como protagonistas principais ou secundários de obras audiovisuais. Destes, mais de 530 são de origem norte-americana. Para ela, os Estados Unidos, por ser o país que mais produziu filmes com essa temática, se torna o detentor da elaboração do senso comum compartilhado.

Rachel Bezerra Abrantes Rosa (2006), em seu trabalho acadêmico *O personagem jornalista na visão cinematográfica da década de 90*, destaca que o cinema, desde quando surgiu, colabora para a construção de uma suposta imagem sobre esses profissionais, sobretudo nos anos 1990, quando há grande quantidade de personagens da imprensa sendo

tratados com conduta de vilão. Rosa aponta que os jornalistas nos filmes são muitas vezes expostos como bêbados, cínicos e antiéticos. A pesquisadora faz uma análise de alguns filmes como *O poder da notícia* (Estados Unidos, 1998), que conta a história de um personagem jornalista que inicialmente começa exercendo sua função com responsabilidade, mas em seguida demonstra também comportamento desleal, aliado à mentiras.

Rodrigues (2019) igualmente reforça o aspecto da representação dos jornalistas como personagens negativos e, através de uma tabela, a autora fez o levantamento de algumas bilheterias de filmes em que esses são expostos sob o aspecto da profissão jornalística aliado a características desfavoráveis. A quantidade de pessoas que as obras abrangem em bilheterias e alcance público confirma a ideia de Berger (2002, p. 17) da concepção do “imaginário coletivo que associa a profissão à investigação, à aventura, à independência, ao arrojo e, igualmente, ao cinismo, à falta de escrúpulo, à arrogância”.

Filmes	Jornalistas	Características	Bilheteria
Venom	Eddie Brock	Cínico, sem escrúpulos, orgulhoso e difícil de lidar	US\$ 822 milhões
Homem Aranha	J. Jonah Jameson	Chefe orgulhoso, sua opinião define o rumo da matéria, difícil de lidar	1º filme: 821,7 milhões 2º filme: 783,8 milhões 3º filme: 890,9 milhões
	Peter Parker	Utiliza a profissão para benefício próprio	
Superman	Clark Kent	Sua opinião e sua personalidade interferem no direcionamento da matéria	US\$ 668 milhões*
	Lois Lane	Se for preciso desobedecer para a notícia vai fazer, ótima jornalista, confiável	
Harry Potter	Rita Skeeter	Notícias sensacionalistas e manipuladas	US\$ 896,9 milhões

Quadro 2 - Exemplo de alguns personagens retratados em filmes de grande público e suas características

Fonte: Rodrigues (2019).

Outros afirmam que pouco importa que se diga que o cinema reproduz ou não o real, é natural ou artificial; não importa o cinema em si, importa o que dizem os filmes, o seu conteúdo. É pouco relevante que dois filmes sejam sustentados pela impressão de realidade, mas é relevante que um seja contra determinado movimento operário, e outro a favor. (Bernardet, 1981, p. 11).

Quando Jean-Claude Bernardet faz a analogia acima, ele deseja apontar que obviamente sabemos que algumas narrativas cinematográficas não são reais, e que apesar disso ainda seguiremos influenciados pelas produções.

Segundo Pedro Nunes (2017), desde que o cinema evoluiu e se tornou capaz de narrar, ele se tornou muito útil já que aliado ao jornalismo foi capaz de criar, por exemplo os documentários, que são considerados por ele, “movimentos, diálogos de mão dupla e influências recíprocas entre o jornalismo e o cinema”, capazes de informar o público (Nunes, 2017, p. 9).

Em contrapartida, no formato ficcional, o cinema abordou em vários níveis o jornalista e a profissão, tanto a prática jornalística em si como também o protagonismo e os estereótipos do jornalista, os desvios éticos da profissão, questionamentos da moralidade do jornalismo, os processos de manipulação da notícia, o papel do jornalismo, as coberturas jornalísticas e os processos de apuração, o jornalismo como espetáculo, dentre outras encenações sobre a imprensa.

Nunes (2017) considera que algumas dessas obras ficcionais tratam do assunto com verossimilhança e profundidade, mas concorda que a maioria de outros objetos no audiovisual não são fiéis à representação do jornalista e do jornalismo, e são responsáveis por reforçar os estereótipos.

Dentre os inúmeros filmes de jornalistas, um dos que representa o jornalista e a antiética é o *Quarto Poder*, de 1997, observado pela jornalista Giuliana Batista Rodrigues de Queiroz (2017). O filme é uma produção do diretor Costa-Gavras, atuado pelos atores americanos Dustin Hoffman e John Travolta.

O protagonista Max Brackett é um jornalista que já foi muito prestigiado antes de cair no esquecimento. Durante uma cobertura jornalística no Museu de História Natural em Nova York, Estados Unidos, o repórter presenciou Sam Baily, um antigo segurança do local, discutir com a diretora do museu, e o ex-funcionário estava armado com uma espingarda pedindo seu emprego. Acidentalmente a arma do ex-segurança dispara, e o jornalista transforma o fato, alterando a realidade do acidente em assassinato, como estratégia para que dessa forma ele chamasse todas as atenções em torno da matéria e conseqüentemente de si, por ter dado o furo jornalístico⁹ e se auto beneficiar.

⁹ O termo "furo jornalístico" é utilizado normalmente no mundo do jornalismo. Na verdade, este conceito é usado no setor dos meios de comunicação para expressar uma notícia como nova e em primeiro lugar. Disponível em <https://conceitos.com/furo-jornalístico/> Acesso em 6 dezembro de 2023.

Dessa forma, não há dúvidas de que exposições como essas, de descrédito ao profissional jornalista, são memorizadas pelo telespectador, e capazes de influenciar na formação da opinião pública. Breno Damascena (2015) acredita que

Essas obras contribuem para a criação de mitos e estereótipos para o profissional de imprensa. O público, a partir dessas definições pré-estabelecidas, tende a aceitar os retratos como verdadeiros. O cinema pode ter o poder de enaltecer ou destruir a profissão para a audiência (Damascena, 2015, p. 11).

Lippmann (2008) também explorou o conceito de estereótipos. Segundo o autor, os estereótipos são imagens mentais preconcebidas e simplificadas que as pessoas têm sobre grupos, indivíduos, eventos ou conceitos. Para ele, tais percepções nascem a partir das nossas opiniões, que em contato com o que se observa estabelece uma crença, no caso dos estereótipos essas crenças são formadas em coletivo.

Inevitavelmente nossas opiniões cobrem um largo espectro, um longo período de tempo, um número maior de coisas que podemos diretamente observar. Elas têm, portanto, que ser formadas de pedaços juntados do que outros relataram e do que podemos imaginar. (Lippmann, 2008, p. 83).

Ainda de acordo com Lippmann, as mídias são responsáveis pela formação e permanência desses estereótipos, que conseqüentemente influenciam a opinião pública. O cinema então, com o seu alcance popular, promove a criação ou perpetuação dos rótulos sobre a profissão jornalística, ou ainda a desconstrução desses padrões. Ou seja, tanto nas representações cinematográficas onde o jornalista é tido como herói, defensor da verdade e das injustiças quanto o contrário: nas obras onde o jornalista é apresentado como sensacionalista, manipulador e invasivo. Sempre existirão estereótipos e estes impactarão diretamente nas opiniões do público, embora outros fatores atuem na concretização desse imaginário sobre a profissão.

Nesse cenário, é interessante discorrer sobre a ideia de “mito”, que, para Campbell (2009), vai além de simples narrativas fantasiosas. Segundo o autor, a mitologia são padrões universais que refletem aspectos profundos da experiência humana, ou seja, mitos têm o poder de transmitir os valores culturais da sociedade.

Por essa via, fica claro que as representações desempenham um papel importante na transmissão dos valores, crenças e normas culturais. Ao serem compartilhados no cinema, por exemplo, contribuem para moldar a compreensão compartilhada sobre o que são os jornalistas e como eles agem.

Sobre as expectativas do heroísmo dos jornalistas, Geraldinho Vieira (1991) aborda que o “Complexo de Clark Kent”, termo criado pelo próprio autor, são as ilusões do público acerca do profissional, que espera que esses jornalistas sejam super-homens com um dia a dia de aventuras em busca da verdade e de luta contra a maldade da sociedade.

A obra de Vieira é inspirada no personagem Clark Kent, o *alter ego* do Superman, herói das histórias em quadrinhos, criado nos anos 1930, que mantinha uma identidade secreta: um super-herói que se disfarça como jornalista. Superman surge após a crise de 29, quando os Estados Unidos necessitavam da criação de um mito de um defensor social, segundo o autor.

Outra autora que discorreu sobre a trajetória e construção cinematográfica do personagem Clark Kent como herói foi a pesquisadora Kraetzig (2012), que indicou algumas das características que fizeram o jornalista ser aclamado pelo público.

Por ser, paralelamente, um herói, ele é mostrado como um homem virtuoso, sem vícios ou desvios de caráter, qualidades que ele leva também para a sua prática jornalística. Tornando-se, assim, um profissional que, se por um lado foge do estereótipo de jornalista complexo, cheio de problemas e focado apenas na sua profissão, por outro se aproxima daquele profissional considerado ideal, por focar suas ações na conduta ética e na busca pela verdade. (Kraetzig, 2012, p. 36-37).

No entanto, essa expectativa acaba sendo quebrada, uma vez que os profissionais jornalistas estão muito longe de serem os heróis da humanidade, já que são pessoas comuns que erram e acertam como quaisquer outras.

Cuono e Bastos (2020) discutiram a estereotipização carregada pela profissão do jornalista no cinema, analisadas sob os filmes *Spotlight* (2015) e *The Post: a guerra secreta* (2017). De acordo com os autores, a exibição, sobretudo do jornalismo investigativo, dramatiza o perfil de um profissional salvador da população, que através das descobertas da sua matéria alcançarão a justiça. Segundo eles, um método encontrado pelos cineastas, principalmente norte-americanos, de construir um personagem de espetáculo.

Os autores concordam que os filmes se aproximam muito de uma realidade do jornalismo investigativo sob certo ponto de vista: a apuração exaustiva na busca de informações, o comprometimento ético, a dedicação numa jornada exaustiva.

Essa alusão não parece fugir da realidade, visto que, como já discutido anteriormente por Fortes (2005, p. 9), “o jornalismo investigativo é algo mais complexo, trabalhoso e perigoso. Não se assemelha com a rotina natural das redações. Exige talento, tempo, dinheiro,

paciência e sorte”. Ou seja, nas obras cinematográficas feitas por Hollywood há de fato uma aproximação com o jornalismo em sua concretude, mas pecam na espetacularização.

Outro clichê do cinema, para Igor Costa da Silva (2014, p. 8), é a fama do jornalista “solitário, cético, beberrão, com um cigarro em punho”. Para o autor, os chamados *newspaper movies*¹⁰ usam dessa construção da identidade do jornalista carregado de álcool e nicotina para que assim possa dar conta da rotina esgotante. Segundo o autor, todos os filmes do final do século XX tiveram essa estética.

Segundo Oliveira *et al.* (s.d), as representações que o cinema faz sobre os jornalistas vão evoluindo junto com as mudanças da profissão na realidade. Nos filmes de jornalismo criados antes da década de 1960, era comum a exposição da figura do repórter boêmio, o que tem diminuído com os longas metragens produzidos na atualidade.

A montagem da aparência física também era crucial para a construção do perfil do profissional da imprensa: roupas amarrotadas, cabelos desarrumados e barba malfeita, no caso dos homens, também faziam parte da lógica da rotina que não permitia a vaidade.

Atualmente, esse modo de representar o jornalista tem sido cada vez menos visto, dando espaço a características que se desprendem da representação antiga, por exemplo, segundo Costa (2010), a maior participação de mulheres nas redações jornalísticas que antes era totalmente integrada por homens, acima de tudo antes da década de 1960.

Em *Spotlight*, objeto de análise deste trabalho, a equipe investigativa tem como principais integrantes: Michael Rezendes (Mark Ruffalo), Sacha Pfeiffer (Rachel McAdams), Matty Carroll (Brian d’Arcy James), Walter Robinson (Michael Keaton) e Marty Baron (Liev Schreiber), o editor do jornal, mas que também exerce as apurações *in loco*.

Juntos realizam um trabalho de investigação contra a Igreja Católica, acusada de acobertar pelo menos 90 padres pedófilos. Nas particularidades, cada um dos jornalistas possui suas próprias características pessoais. É válido lembrar que o filme é baseado em fatos verídicos, mas, apesar disso, nota-se que a produção imprime atributos, que sem sombra de dúvidas, partem da visão do diretor Tom McCarthy.

Apesar de se tratar de uma equipe, cada personagem parece lidar com as investigações à sua maneira, sendo também objeto de análise de alguns pesquisadores, que já analisaram os personagens de *Spotlight* anteriormente, como Cuono e Bastos (2020). Michael Rezendes, segundo os autores, é aquele que mais reforça o estereótipo do jornalista investigativo. Durante o filme, é fácil perceber que Michael não parece separar os horários de trabalho com

¹⁰ *Newspaper movies* são produções da indústria cinematográfica marcadas por narrativas que utilizam personagens jornalistas como condutores da trama ou o jornalismo (Gomes, 2019).

o da sua rotina, quando ainda está dedicado às investigações mesmo tarde da noite, ou ainda ir para o escritório logo depois de fazer seus exercícios físicos, não medindo esforços em defesa do levantamento de informações.

Cuono e Bastos (2020), assim como Bastos *et al.* (2016), consideram a personagem Sacha o reforço para a construção da imagem do jornalista imparcial, uma vez que a jornalista não deixa que sua apuração seja influenciada pelo fato de estar produzindo uma matéria que denuncia a Igreja Católica, mesmo que viva com a sua avó, que é extremamente fiel e religiosa.

5 ANÁLISE: ELEMENTOS DO JORNALISMO EM *SPOTLIGHT - SEGREDOS REVELADOS*

Por se tratar de um objeto cinematográfico que busca inspiração em fatos, o filme *Spotlight - segredos revelados* apresenta alguns requisitos básicos do fazer jornalístico, simulando o modo como ocorrem no cotidiano das redações. A partir da obra, é possível observar alguns critérios de noticiabilidade utilizados, o modo como a apuração do acontecimento se deu, além da construção do perfil do jornalista investigativo, já discutido anteriormente no presente trabalho.

Posto isso, a análise de alguns momentos do filme torna-se essencial para a verificação de como o jornalismo e o jornalista foram representados no cinema, refletindo de que como contribuíram para a criação de um imaginário sobre o jornalista – se mais próximo de um herói ou de um vilão –, e se possuem semelhanças com a prática do jornalismo no mundo concreto. Em alguns momentos, iremos apresentar imagens de *frames* do filme analisado, indicando a minutagem entre parênteses.

Pensando na seleção da notícia, o jornal *The Boston Globe* agiu conforme Gislene Silva (2005). Ela elegeu alguns passos para a escolha dos temas mais relevantes para a publicação de uma notícia, os chamados critérios de noticiabilidade. Segundo a autora, a primeira etapa é pensar na origem e seleção dos fatos, o que foi feito pelo editor e jornalistas daquela imprensa.

Através de uma reunião de pauta, o novo editor, Martin Baron, é apresentado e questiona as poucas repercussões sobre o caso do padre Geoghan, acusado de molestar crianças, que já havia sido discutido na redação anteriormente, mas não com a atenção que o

editor acreditava que merecia ter. Ele mesmo comenta que em seis meses o assunto só tinha sido publicado duas vezes.

O ato de elaboração da pauta antes de produzir a notícia é discutido por Pereira (2009), que considera um dos primeiros pontos para a produção da reportagem, a qual ele denomina como Fase 1, o de elaboração da pauta. Nesta etapa, os jornalistas se reúnem para selecionar os próximos temas que serão noticiados pelo jornal, algo semelhante ao que os atores fizeram no filme (08'36").



Figura 1 - Primeira reunião de Pauta
Fonte: Reprodução da tela, *Spotlight* (2015).

Nesse momento ocorre o que Silva (2005) nomeia como “hierarquização da notícia”, ponto fundamental, pois através dela há a categorização de algumas notícias como menos ou mais importantes. Isso é essencial, devido a esses veículos não terem espaço para publicarem absolutamente tudo que ocorre no dia a dia. Segundo o autor (2005, p. 97), “[...] frente a volume tão grande de matéria prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia.”

Após o primeiro encontro com a equipe geral, Martin Baron se reúne com a equipe *Spotlight*, responsável pela coluna de jornalismo investigativo (12'00”) e nessa conversa acontece justamente a hierarquização da notícia, quando o editor chefe propõe que os

repórteres abandonem um outro caso envolvendo a polícia de Boston, e que a partir daquele momento se preocupassem somente com a investigação dos abusos sexuais na Igreja Católica.

A pedido de Baron, é proposta uma investigação profunda sobre as acusações ao padre Geoghan e ao Cardeal Law (bispo que supostamente acobertou o caso). Desse modo os rumos da reportagem são modificados pelos fatores polêmica, proximidade e justiça, os quais são indicados na literatura acadêmica por Érica Franzon (2004) e estão reunidos neste texto na Figura 1.



Figura 2 - Primeira reunião com equipe investigativa Spotlight
Fonte: Reprodução da tela, *Spotlight* (2015).

Nelson Traquina (2005) enuncia que outro fator que impulsiona a magnitude de uma notícia é o interesse público, ou seja, se o assunto possui relevância para a sociedade, se a população pode explorar os benefícios da atualização a partir da recepção de tal notícia.

No trecho 15'50" do filme, em um diálogo entre Baron e outro editor do jornal, ele expõe o desejo de processar a Igreja Católica. Então, o colega de trabalho comenta que 53% dos leitores do jornal são católicos e teme a repercussão negativa que a matéria poderia ter. Baron, portanto, concorda e acredita que, justamente por ter mais da metade do público seguindo a religião, se interessarão pela notícia.

Segundo o site United States Census Bureau (Escritório do censo demográfico dos Estados Unidos), a população da cidade de Boston no início dos anos 2000, momento em que acontecem as investigações, é de quase 592.000 habitantes. Atualmente, Boston é a maior cidade do estado de Massachusetts e uma das cidades mais católicas do país, representando mais de 36% da população, de acordo com o levantamento de 2015 do VOA¹¹ (jornal estadunidense).

Fatores geográficos, como população e proximidade, também são considerados critérios para a seleção de notícias. Conforme Mauro Wolf (2002), as notícias locais ou que afetam diretamente a comunidade tendem a ter mais destaque, pois são consideradas mais próximas do público.

O valor/notícia da proximidade, quer como vizinhança geográfica, quer como afinidade cultural. As notícias são culturalmente próximas, se se referem a acontecimentos que entram na esfera normal de experiência dos jornalistas e do público, os que implicam uma esfera partilhada de linguagem e pressupostos culturais comuns [...]. A proximidade geográfica refere-se simplesmente à regra prática da prioridade das notícias internas e que estão à disposição, em relação às notícias externas, de acordo com a sua proximidade em relação ao público. (Wolf, 2002, p. 202).

Com isso, o autor quis apontar que quanto mais próxima do público estiverem as notícias, maior o interesse na receptividade delas. Portanto, a equipe de jornalismo estava diante de uma reportagem que provavelmente seria bastante repercutida entre os moradores de Boston, ainda mais por estar relacionada à religiosidade de uma parcela significativa da população.

Definida a pauta, a próxima etapa é o levantamento de dados, definida por Pereira (2009) como Fase 2 da apuração, com o propósito de abordar as fontes e entrevistá-las. A primeira pessoa a ser procurada pelos jornalistas foi o advogado Eric McLeish, representante de algumas vítimas de abuso do padre Geoghan, e que negociava contratos de confiabilidade com a igreja e os abusados em troca de indenizações.

¹¹ Disponível em: QUAL a cidade mais católica dos Estados Unidos?. **Papa dos Estados Unidos**, s.d. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/cidade-mais-catolica-estados-unidos/2974229.html>. Acesso em: 3 dez 2023.



Figura 3 - Início da apuração
Fonte: Reprodução da tela, *Spotlight* (2015).

Para a seleção das fontes, alguns critérios são avaliados, como a identificação da fonte, isto é, qual a relação dela com o assunto, seguido da checagem da credibilidade das pessoas que serão procuradas, investigando seus antecedentes, e assim eles vão chegando nos portadores de informações sobre os crimes envolvendo a igreja (Pereira, 2009).

O ato de checar as fontes foi executado pela *Spotlight*, e, para isso, eles se importaram com a confiabilidade das pessoas, como no caso da vítima Phil Saviano, que procurou o jornal *The Boston Globe* mais de uma vez para denunciar padres católicos.

Phil Saviano foi uma vítima do padre David A. Hooley aos 11 anos de idade. Ele foi um dos poucos que não admitiu o termo de sigilo, se dedicava a fazer denúncias contra a igreja e reunir outras vítimas. Durante a vida, reuniu várias provas numa caixa e se encontrou com a *Spotlight* pessoalmente portando todas essas provas.

Apesar da confiabilidade que Saviano aparentava ter e todas as provas expostas, após o final do encontro, o repórter Walter Robinson pede que os colegas de trabalho chequem os antecedentes dele (35'11"), condizente com o que Pereira (2009) acredita ser ideal em relação à checagem de fontes.

Durante a apuração, é importante anotar as informações obtidas, o que é comum na maioria, senão em todas as cenas que envolvem as entrevistas feitas pela equipe *Spotlight*. Esse ato foi reforçado por Fortes (2005), quando ressalta a importância de organizar as informações: "Você pode utilizar canetas de cores diferentes, estrelas, o que for. Escreva partes da história ou pontos importantes antes de começar a escrever para não esquecer elementos que você quer incluir" (p. 42).

Fortes (2005) também reforça a importância do uso de gravadores para o melhor armazenamento das informações obtidas pela fonte e lembra para as guardar em local seguro. No entanto, para ele, é válida a solicitação da autorização da utilização desses equipamentos.

Após a procura por McLeish, a segunda fonte buscada é o também advogado defensor das vítimas, Mitchell Garabedian. Essa cena exemplifica com precisão a ideia de etiqueta na hora de entrevistar, escrita por Thaís Oyama em seu livro *A Arte de Entrevistar Bem* (2015).

A jornalista e escritora Oyama acredita que uma entrevista bem-feita é a chave para a elaboração de boas reportagens, sejam elas de qualquer gênero jornalístico, e a arte de entrevistar aperfeiçoa o exercício da profissão.

Em 20'30", o repórter Michael Rezendes tira o seu bloco de notas da bolsa e rapidamente é interrompido por Garabedian, que nega ter sua entrevista gravada ou anotada. Rapidamente, Rezendes recolhe o objeto e continua a fazer perguntas sem escrever, reforçando o respeito à fonte, que não se sentia à vontade para falar sobre o caso ou sequer ter informações armazenadas.

Alguns dias mais tarde, Garabedian aceita falar com o repórter na presença de uma das vítimas (40'37"). Com o consentimento de ambos, Rezendes faz anotações e é permitido expor o nome do abusado. O jornalista faz tudo dentro do que lhe é permitido, cumprindo o código de ética jornalístico americano, que prevê "Ser cautelosos na identificação de suspeitos jovens ou vítimas de crimes sexuais"¹².

O ato de pedir permissão para a confirmação do consentimento da fonte se repete com a apuração de Sasha Pfeiffer na entrevista com a vítima Joe Crowley, quando antes de começar as perguntas, a jornalista fala: "Se importaria se eu tomasse notas?" (37'14"). Deixando claro o respeito para com o homem que seria entrevistado.

Joe Crowley foi uma das primeiras vítimas a tornar público os abusos sexuais da igreja. Quando criança, foi molestado pelo padre Paul Shanley. Durante a investigação da equipe *Spotlight*, outros nomes de sacerdotes vêm à tona. Com o número de envolvidos aumentando cada vez mais, as investigações se tornam mais urgentes.

Ainda sobre os valores profissionais dos jornalistas, a apuração da equipe é muito sensível aos envolvidos, a empatia durante a apuração é visível em vários trechos, como na conversa entre a jornalista Sasha e Joe.

¹² Disponível em: SPJ Code of Ethics. **Society of professional journalists**, 2014. Disponível em: <http://www.spj.org/ethicscode.asp>. Acesso em: 4 dez. 2023.

No diálogo, o homem conta detalhes sobre os abusos que começaram ainda na infância, expondo que seu molestador o obrigava manter relações sexuais com ele. Na época Joe já sabia que era gay, e foi a primeira vez na vida que sentiu que não havia problema em ser homossexual, a conversa se torna bastante emocionante, já que Joe não segura as lágrimas e lamenta ter sido introduzido ao sexo daquela forma.



Figura 4 - Traços de subjetividade na apuração, Sasha Pfizer entrevistando Joe Crowley
Fonte: Filme Spotlight (2015).

A subjetividade jornalística é um traço visível na investigação dos jornalistas de *Spotlight*. Vale lembrar que a subjetividade se trata do método de fazer jornalismo, usando um contexto de humanização. O roteiro de pauta muda suas prioridades, sendo o “quem” mais importante que “o quê” na construção da narrativa. Neste tipo de jornalismo, atribui-se uma aproximação entre repórter e entrevistado (Silocchi, 2021).

A postura dos repórteres durante a entrevista com as vítimas se trata de um jornalismo humanizado. Segundo o professor Jorge Kanehide Ijuim (2009, p. 158), esse tipo de jornalismo pretende “dar voz a quem, em geral, é negado este direito, as pessoas comuns, os anônimos”. Além disso, trata-se de fazer narrativas sem julgamentos, sem reforçar estereótipos e preconceitos que depreciam o ser humano, humanizar o jornalismo é valorizar o personagem fazendo dele o ponto de partida e de chegada (Ijuim, 2009).

Segundo Alves *et al.* (2008), o imediatismo e a preocupação exagerada com o furo jornalístico fizeram com que a maioria dos veículos de mídia perdessem sua humanidade frente às fontes e envolvidos nas notícias. Dessa forma, o termo jornalismo humanizado surge

como a necessidade de as fontes não serem apenas “meros figurantes”, mas personagens principais da narrativa.

O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais do que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado.

Pereira (2009) também dialogou sobre o conceito de humanização das fontes, considerado por ele um agente indispensável no processo de apuração da notícia. Segundo ele, humanizar um relato é resistir à tentação de escandalizar, expor ou julgar a pessoa que está sendo entrevistada.

Visto por esse ponto, o papel do jornalista é diminuir o espaço entre ele e o “quem”, a fim de facilitar a interação e trocas entre repórter e fontes para não noticiar suas histórias com frieza. “Humanizar recupera uma profundidade diante das coisas que pode revelar um compromisso com o mundo, um sinal de que ele deve ser humanizado para a renovação das pessoas, das relações que mantemos com o outro” (Pereira, 2009, p. 100).

Além da subjetividade na apuração, características de uma apuração objetiva também são possíveis de serem vistas nas investigações da equipe *Spotlight*. Vale lembrar que a objetividade se refere à imparcialidade na busca ou exposição dos fatos, um jornalismo onde os fatos são idealmente separados das opiniões e vieses pessoais (Kovach; Rosenstiel, 2001).

A jornalista Sasha Pfizer, interpretada por Rachel McAdams, transita entre esses dois polos do fazer jornalístico objetivo e subjetivo. Ao mesmo tempo em que ela humaniza suas fontes, lançando sobre elas sua apuração baseada em ética e empatia, Sasha consegue ser objetiva em sua profissão, não deixando que a sua criação católica, influenciada pela sua avó, interfira no seu papel para a elaboração da reportagem.

Sasha obviamente não consente com os abusos sexuais praticados pelos padres que pregam a sua religião. Ela apura os fatos de maneira honesta, sem que suas crenças interfiram demasiadamente, a ponto de atuar em prol da religião. Ainda assim, consegue ser uma das jornalistas que mais se sensibiliza e acolhe as vítimas entrevistadas e se revolta em vários momentos que os fatos se tornam maiores do que a equipe imaginava.



Figura 5 - Sasha Pfizer e sua avó na missa católica
Fonte: Reprodução da tela, *Spotlight* - Segredos revelados (2015).

Em *O Mundo dos Jornalistas* (2001), de Isabel Travancas, são agrupados relatos de mais de cinquenta jornalistas sobre a rotina de sua profissão. Entre alguns pontos levantados por ela, o mais presente é o desabafo de uma jornada de trabalho fatigante. “O jornalista, de certo modo, não é o dono do seu tempo: este não lhe pertence, e sim a carreira” (p. 40).

Isso significa que uma pessoa que escolheu o jornalismo como profissão não tem hora de parar de produzir sua matéria, e trabalhar nos fins de semana é bem comum, assim como não ter folga. Durante a trama, é normal ver os repórteres exercendo as apurações e checagens tarde da noite, ou não separando a jornada de trabalho de suas próprias vidas.

Outro personagem interessante de se analisar é Michael Rezendes, interpretado por Mark Ruffalo. Ele é mais um dos repórteres representados como super engajados, dedicando várias horas do dia em torno da produção da notícia. Trata-se de um jornalista que vive em função do trabalho, o que reforça o estereótipo do herói discutido nos capítulos anteriores.

Sabe-se que, para a produção de reportagens investigativas, é crucial um trabalho mais profundo e detalhado. “Essa modalidade jornalística necessita de uma profunda e sólida pesquisa por parte do repórter, que vai buscar a informação de fontes primárias e não se contenta com as versões ou com as fontes secundárias” (De Aguiar, 2006, p. 11).

Rezendes é um personagem que ilustra com exatidão a representação positiva do jornalista no cinema, com os comportamentos que os jornalistas investigativos manifestam no cinema, segundo os autores expostos neste trabalho.

O discurso cinematográfico constrói a sensação de que os profissionais estão 100% envolvidos com o trabalho, que não tem hora para aparecer. Verifica-se um reforço de uma dada imagem de trabalhadores extremamente dedicados (Lopes, 2019, p. 7 *apud* Travancas, 1990).

Além disso, um pouco da vida pessoal de Rezendes é exibido na trama, por exemplo, o detalhe de ser um homem solitário devido ao excesso de trabalho, enfatizando assim a exaustão do trabalho jornalístico. No trecho (01h09'11''), um colega de trabalho (Ben Bradlee) o visita em sua casa e comenta acreditar na reconciliação entre Mike e uma moça com quem o ele presumidamente havia acabado de se separar.

O isolamento do jornalista como indivíduo é apenas um dos relatos dos jornalistas entrevistados por Travancas (2011), que expõe a dificuldade desses profissionais terem vidas amorosas preenchidas, pois na maioria das vezes não conseguem dedicar tempo ao próximo. Vale lembrar que essa mesma solidão é uma característica muito usada por roteiristas para representar os jornalistas, retratada anteriormente neste trabalho.



Figura 6 - Michael Rezendes chegando na redação do The Boston Globe logo após a sua corrida diária

Fonte: Reprodução da tela, *Spotlight - Segredos revelados* (2015).

Durante as investigações da *Spotlight*, os jornalistas encontram dificuldades para acessar algumas documentações sigilosas, e nesse processo Mike Rezendes foi o maior auxiliar para que a equipe alcançasse esses dados. A perseverança de Rezendes fez com que ele persistisse na captura dessas informações, que foram obtidas com sucesso numa conversa pessoalmente com o juiz que as detinha.

No momento de finalmente levar os registros para a redação, um profissional do departamento informou ao repórter sobre a impossibilidade de ter os originais e indicou a necessidade de imprimir cópias. Todavia, a copiadora estava fechada, e então Rezendes ofereceu 80 dólares do próprio bolso para usar a impressora dele.

Esse trecho enfatiza a urgência e os sacrifícios do profissional jornalista em busca dos fatos. Jornalistas investigativos como Sasha, Michael e toda a equipe *Spotlight* exercem uma função de grande valor à sociedade, desmascarando os vilões que desejam deter as informações de caráter criminoso.

Contudo, ainda que a prática do fazer jornalístico investigativo seja um favor às pessoas, dificuldades para a obtenção das informações e resolução do crime são vistas. Em *Spotlight - segredos revelados*, isso é perceptível na maior parte do filme, justamente por notarem que o acesso aos dados está sendo detido, neste caso pelo acobertamento da igreja.

Durante as investigações, os repórteres ficam sabendo que por inúmeras vezes o *The Boston Globe* recebeu materiais para a realização de reportagens de investigação à igreja, mas o ex-diretor chefe Jim Sullivan impedia a exposição dos abusos na mídia em troca de dinheiro. O advogado Eric McLeish e Phil Saviano foram alguns dos que mandaram nomes e provas ao jornal e não obtiveram sucesso.

Sabendo disso, o jornalista Rusbridger (1999, p. 17) tinha razão quando disse que “jornalismo investigativo é ir atrás daquilo que alguém quer esconder”. Por causa disso, durante a Fase 3 de produção de uma reportagem, tal qual delineada por Pereira (2009), a equipe de jornalismo encontrou impasses ao acesso de documentos que estavam restritos e ao acesso à fonte, como por exemplo os próprios suspeitos eclesiásticos.

Lidar com grandes corporações como o governo ou a igreja é, por natureza, uma atividade de grande risco, tendo em vista que alguns jornalistas podem até morrer se forem tidos como “intrometidos”. “Enfrentar essas máfias é um ato de grandeza profissional, mas se entregar a isso de qualquer jeito é a maneira mais fácil de se meter em encrenca” (Fortes, 2005, p. 36). Durante o enredo, percebe-se também o cuidado e sigilo dos jornalistas não apenas com as fontes, mas também com a instituição.

As investigações da *Spotlight* duraram aproximadamente um ano, entre 2001 e 2002, com uma apuração minuciosa para que pudessem ter tempo de ir atrás de todas as fontes, checar as informações e publicar a matéria. Durante esse período, algo inesperado acontece interrompendo as investigações do *The Boston Globe*: o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001.

Fazer jornalismo é muitas vezes lidar com imprevistos, e por mais que a pedofilia envolvendo a igreja com dezenas de padres suspeitos seja impactante, dois aviões atingindo o maior centro comercial dos Estados Unidos é também surpreendente, com milhares de mortos e feridos.

Os fatos imprevisíveis operam com força no imaginário social, com significação associados à insegurança e ameaça, imprevistos de processos inesperados que representam alarmes na sociedade (explosões, catástrofes, desastres, golpes de estado e crimes são altamente noticiáveis). (Moraes, 2006, p.48).



Figura 7 - Um das TVs da redação exibindo a cobertura do ataque às torres gêmeas
Fonte: Filme *Spotlight* (2015).

No trecho 1h23'31", o editor-chefe chega à redação do *The Boston Globe* para mais um dia de trabalho e é surpreendido com as notícias na televisão de que o World Trade Center foi atingido pelo grupo extremista Al Qaeda. Alguns instantes depois, todos os jornalistas se reúnem, e a primeira orientação dos editores é que parem tudo que estavam produzindo para, a partir dali, cobrir a tragédia.

Neste momento, o repórter Matt Carol comenta: “Que loucura! Há dois dias eu disse para minha mulher que a gente estava trabalhando na maior matéria do planeta”, um exemplo de como a hierarquização da notícia e os critérios de noticiabilidade atuam nos veículos de mídia.

Sobre o jornalismo e o uso da internet, de acordo com Sequeira (2004), o jornalismo investigativo começa a viver, desde o início do século, com o enfrentamento das novas tecnologias. Para a jornalista, a internet é um ponto negativo, pois as informações estão disponíveis em grande massa, deixando o jornalista acomodado para ir atrás dos dados, além de notar que o imediatismo das redes tem feito os prazos de entrega da reportagem diminuírem, cuja essência do jornalismo de investigação está exatamente na apuração demorada.

No entanto, para Burgh (2008), a internet abre espaço para acesso a sites e instituições úteis aos jornalistas, pois através deles é possível acessar informações importantes para a escrita da reportagem. Ele aponta alguns endereços eletrônicos que revolucionaram o trabalho

jornalístico, como o *facenet.org*, um site de apuração online, ou o *geocities.com*, que se trata de uma agenda online, com contatos importantes para conceber o jornalismo de investigação.

O modelo de veiculação das notícias do jornal *The Boston Globe* nessa época era apenas de jornalismo impresso. De acordo com Arnt (2002), o jornalismo impresso sempre estará ligado ao tradicionalismo e confiabilidade, mas é verídico assumir que as tecnologias trouxeram para a apuração e investigação de notícias não menosprezam os métodos clássicos, pois, na verdade, um auxilia o outro.

Del Bianco (2004) é outra autora que concorda que, apesar do aparecimento dos meios digitais, o jornalismo mantém sua essência e valor fundamental da disseminação da informação.

A Internet coloca nas mãos dos jornalistas a possibilidade de obter rapidamente a informação necessária para complementar suas matérias, contribuindo para contextualização e aprofundamento dos temas abordados. Mas por outro lado, esse procedimento traz implícito também a padronização do conteúdo porque é comum o uso frequente das mesmas fontes. Todos bebem da mesma fonte na hora de compor seu noticiário, reproduzindo o mesmo discurso. Muito da tendência à homogeneização deve-se ao comportamento dos jornalistas de atribuírem maior grau de credibilidade às agências de notícias oriundas da mídia tradicional. (Del Bianco, 2004, p. 6).

No filme é nítido a presença de computadores na redação, mas em nenhum trecho deixa claro se esses dispositivos têm acesso à internet. As buscas por informações são feitas na maioria indo *in loco* ou através do telefone, esse sim usado inúmeras vezes.

O prêmio Pulitzer, recebido pelos repórteres através do empenho das investigações que incriminaram os abusadores de crianças, foi possível graças a apuração sem acomodações realizada pela equipe, mas quem sabe se houvesse o auxílio de tecnologias digitais o trabalho do jornal poderia ser otimizado e o prazo para a publicação das denúncias pudesse ser diminuído?

Nos minutos finais da obra cinematográfica, fica visível a Fase 4 proposta por Pereira (2009): a etapa da pós-produção, ou seja, o momento quando são feitos os últimos ajustes no texto e na produção visual rumo à publicação. Após a publicação da reportagem, há uma grande tensão na cidade de Boston, que é atingida com a grande repercussão dos fatos envolvendo a igreja.

Após a publicação da reportagem, o filme termina com Mike e Robinson chegando na redação com vários telefones tocando ao mesmo tempo. Nas ligações, vítimas que leram a matéria e se encorajaram a denunciar. Já ao fim da obra, o narrador da história expõe alguns números importantes, por exemplo, que no ano de 2002 o jornal publicou outros 600 artigos sobre o escândalo.



Figura 8 - Redação da equipe Spotlight momentos após a publicação da matéria
Fonte: Filme *Spotlight* (2015).

Além disso, por intermédio da *Spotlight*, outros 249 padres foram acusados por crime sexual na arquidiocese de Boston, e chegaram à conclusão de que a estimativa de vítimas na cidade ultrapassa 1000. O desfecho do Cardeal Law (bispo que foi o ponto de partida das investigações) foi a sua renúncia ao cargo de presbítero e transferência para a cidade de Roma na Itália.

As repercussões sobre o caso foram tão grandes que abriram processos de investigação e reformas na Igreja Católica, no mundo inteiro. No trecho (02h 00'50') nomes de cidades em que padres foram acusados são mostrados, entre elas quatro delas no Brasil: Franca, SP, Arapiraca, AL, Mariana, MG, e Rio de Janeiro, RJ.

Em Mariana, MG, o acusado foi padre Bonifácio Buzzi, da Arquidiocese de Mariana, cumpriu pena de 2007 a 2015 após ter sofrido duas condenações por abuso sexual de crianças. Em 2004, Bonifácio molestou um garoto tendo pagado a quantia de oito reais para que ele mantivesse o abuso em segredo. Em 1995, Buzzi já havia sido condenado por abusar de duas crianças de 5 e 11 anos (Orrico, 2015).

De acordo com o jornal G1 (2016)¹³, apesar das acusações em aberto, e de estar respondendo a um processo canônico no Vaticano, o padre abusador continuou no sacerdócio, em uma comunidade católica em Três Corações, MG, onde novamente teve envolvimento com crianças de 9 e 13 anos, disse o delegado regional da cidade, Pedro Paulo Marques.

¹³ Disponível em: PADRE citado no filme 'Spotlight' e já condenado por abuso é preso em SC. Santa Catarina, 05 ago. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/08/preso-em-sc-padre-citado-no-filme-spotlight-e-condenado-por-abusos.html>. Acesso em 03 fev. 2024.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2017, Martin Baron, editor que chefiou as investigações do *The Boston Globe* na época do escândalo, concedeu uma entrevista à Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). Ele comentou a importância do filme para a população, acredita que, além da obra propor que a sociedade veja os benefícios do jornalismo investigativo para o bem coletivo, através dela outros jornalistas e estudantes de jornalismo serão inspirados positivamente.

Baron também expõe as dificuldades vividas pelos jornalistas em “tempos estranhos” com as violências, censura e ameaças e reforça que “quando jornalistas vivem num ambiente intimidador, é ainda mais importante que eles mostrem independência, coragem e disposição para defender os princípios necessários em uma democracia.”

A narrativa exposta no objeto cinematográfico proporciona, além da experiência emocional, a reflexão de que modo funcionam os veículos de mídia e como eles agem em prol da coletividade. Sendo assim, é plausível pensar que, além do cinema ter a capacidade de comover, ele também estimula o pensamento crítico.

A prática jornalística representada pelos atores na obra analisada dialoga com o que vimos sobre o jornalismo, ao menos em seu viés hegemônico, trazendo confirmações de teóricos que discutiram objetividade por Kovach e Rosenstiel (2005), subjetividade por Moraes (2019), critérios de noticiabilidade por Franzon (2004) apuração em jornalismo por Pereira (2009) e as características do jornalismo investigativo por Fortes (2005) e Sequeira (2004).

Segundo o site Cinepop¹⁴, que elaborou um levantamento dos números de *Spotlight - segredos revelados*, a bilheteria do filme arrecadou mais de 98,7 milhões no mundo inteiro. Além de ter vencido a premiação do Oscar no ano de 2016, nas categorias de melhor filme e melhor roteiro original. Isso indica que a obra obteve sucesso, alcançando um público amplo. Sendo assim, é plausível apontar que o enredo foi capaz de indicar certas impressões sobre os jornalistas e o jornalismo.

Neste trabalho foi possível observar que nem todo *newspaper movies* traz interpretações positivas para o profissional jornalista, já que em muitas obras ele é

¹⁴ NOLLA, T. Curiosidades | Vencedor do Oscar de Melhor Filme, ‘Spotlight – Segredos Revelados’ completa 6 anos!. CinePop, 05 set. 2021. Disponível em: <https://cinepop.com.br/curiosidades-vencedor-do-oscar-de-melhor-filme-spotlight-segredos-revelados-completa-6-anos-310931/#:~:text=A1%C3%A9m%20do%20sucesso%20cr%C3%ADtico%2C%20o,3%20milh%C3%B5es%20na%20bilheterias%20mundiais>. Acesso em: 11 dez. 2023.

representado como vilão, como mostra a pesquisa anteriormente de autoria de (Rosa 2006), que concluiu que o cinema contribuiu para uma imagem negativa dos jornalistas, sobretudo nos anos 1990. Além de Berger (2002), Nunes (2017) e Rodrigues (2019), que consentiram que o profissional da imprensa sem ética e caráter estiveram em maior quantidade nos filmes.

No entanto, em *Spotlight* o jornalista foi representado alinhadamente com o fazer jornalístico entendido, ao menos teoricamente, como desejável, desempenhando funções sociais que auxiliam investigações de relevância social.

Durante a premiação do Oscar em 2016, um dos produtores do filme, Michael Sugar, disse em seu discurso que a elaboração do longa-metragem foi dedicada às vítimas sobreviventes de abusos da igreja e que a obra serve como um amplificador de suas vozes, para que elas se tornem um coro que chegue até o Vaticano. Sugar também apelou ao Papa Francisco, para que protegesse as crianças.

Através dessa análise foi possível concluir que a maioria dos filmes sobre jornalismo e jornalistas são carregados de estereótipos sendo perceptível que desde os anos 70 até hoje, há uma dicotomia nas representações do jornalista no cinema que são representados nos extremos, como super-heróis ou como na maioria das vezes, vilões.

Contudo em *Spotlight*, é admissível dizer ainda que, em certo ponto de vista, o jornalismo investigativo foi realizado tal qual em muitas redações, considerando que durante a produção da reportagem foram cometidos erros e acertos, arrematando no imaginário coletivo o heroísmo do jornalismo, mas não o perfeccionismo.

A violência contra os profissionais jornalistas continuaram crescendo mesmo após o lançamento do filme, no entanto, em tempos de desmerecimento da profissão jornalística, *Spotlight - segredos revelados* surge como um estímulo ao público e aos próprios profissionais para que possam ser pensadas e desenvolvidas, cada vez mais, coberturas jornalísticas honestas e que contribuam para o desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Kátia. Qual foi o primeiro cinema?. **Super Interessante**, 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-o-primeiro-filme> . Acesso em: 30 out. 2023.

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. Jornalismo Humanizado: o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul–INTERCOM SUL. **Anais [...]** Guarapuava, 2008.

AMARAL, Márcia Franz. Os (des) caminhos da notícia rumo ao entretenimento. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 62-72, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p63/10221>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ARNT, Héris. Do jornal impresso ao digital: novas funções comunicacionais. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]** Salvador, BA, 2002.

BASTOS, Isys; ALMEIDA, Luana Carolina Souza de; SAVERNINI, Erika. A representação cinematográfica da profissão de jornalista no filme Spotlight: segredos revelados. In: ENCONTRO REGIONAL DE COMUNICAÇÃO, v. 14, 2016. **Anais [...]** Juiz de Fora, 2016.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CALADO, K. A.; ROCHA, H. C. L. Narrativas jornalísticas sob a luz da pragmática: uma análise das implicações ideológicas a partir da perspectiva de Motta e Habermas. In: PICCININ, F. Q; SOSTER, D. A. (orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena Editora, 2022.

CANIZAL, Eduardo Peñuela. 2006. Surrealismo. In: MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2006. p. 143-155.

COELHO SOBRINHO, José. **A essência do jornalismo está na apuração**. Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI. São Paulo: ECA/USP, 2013. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002423637.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CUONO, Victoria Capaldo; DA SILVA BASTOS, Robson. A construção do personagem do jornalista no cinema: uma análise dos filmes "The Post: A Guerra Secreta" e "Spotlight: Segredos Revelados". **Iniciacom**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/3360/pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

DE AGUIAR, Leonel Azevedo. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, [S. l.], v. 7, p. 73-84, 2006. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

DEL BIANCO, Nelia. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 1, p. 1-10, 2004.

DE OLIVEIRA, Paula Graziela; NOGUEIRA, Dayane; DOS REIS, Talita Martins. Jornalismo no cinema: Uma representação do fazer e ser jornalista. **Múltiplos OLHARES**, [S. l.], p. 104-115, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29702/1/Edufu_Multiplos_olhares_v2.pdf#page=101. Acesso em: 10 dez. 2023.

DE SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. Jornalismo Investigativo, novos desafios. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 41-46, 2004. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/597/440. Acesso em: 17 dez. 2023.

DE SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

DEUZE, Mark WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do jornalismo**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 1-31, 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>. Acesso em: 19 nov. 2023.

FERREIRA FILHO, João Batista. Uma definição para fake news. **Academia**, [S. l.], 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38074713/A_verdade_sob_suspeita_fake_news_e_conduta_epist. Acesso em: 18 nov. 2023.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 3ª ed São Paulo: Contexto, 2008.

FIGURELLI, Roberto Capparelli. Cinema, a sétima arte. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, [S. l.], v. 10, n. 15, p. 110-119, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2013v10n15p110>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FOGUEL, Israel. **A Magia Da Sétima Arte**. São Paulo: Clube de Autores, 2015.

FONSECA, Marília de Orange Uchôa da. **Limite (1931), Vanguarda e Surrealismo: uma aventura modernista no Brasil**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GOMES, Vitor Luiz Menezes. Uma proposta metodológica para análise fílmica em newspaper movies. In: Circuito Fluminense dos Estudos Filológicos e Linguísticos. **Anais [...]** 2019.

GUERRA, Josenildo Luiz. Neutralidade e imparcialidade no jornalismo. **XXII Intercom**, [S. l.], p. 1-25, 1999. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/07f68ff516fcf5aca65a97a7910910c1.PDF>. Acesso em: 19 nov. 2023.

HERACLITO, Edmundo. A busca da informação confiável. In: LOPES, D. F.; PROENÇA, J. L. (Org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. p. 117-130.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo: Oficina Regional de Ciências de la UNESCO para América Latina y el Caribe, 2013.

JUNIOR, Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia**. São Paulo: Vozes Limitadas, 2011.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

KREUTZ, Katia. A história do cinema brasileiro. **Academia Internacional de Cinema**, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/a-historia-do-cinema-brasileiro/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

KOVACH, Bill *et al.* **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. [S.l.]: 2001. Disponível em: <https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. **Cadernos Aslegis**, [S. l.], 48, p. 11-45, 2013. Disponível em: http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

L OPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

LOPES, Felisbela. As fontes, os jornalistas e as leis. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 2, p. 339-349, 2000. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/862>. Acesso em: 18 out. 2023.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. São Paulo: Zahar, 2003.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. São Paulo: Papyrus, 2015.

MELO, Seane Alves. **Discursos e práticas**: um estudo do jornalismo investigativo no Brasil. 2015. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2015.

MIRANDA, Lucas Pilatti. Montagem Soviética. **Contos dos Clássicos**, 2018. Disponível em: <https://cantodosclassicos.com/a-montagem-sovietica-no-cinema/>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MORAES, Fabiana; DA SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...] Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicey**: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. São Paulo: Arquipélago Editorial Ltda, 2017.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247>. Acesso em: 14 set. 2023.

MORETTIN, Eduardo. **Uma história do cinema**: movimentos, gêneros e diretores. São Paulo: Caderno de cinema do professor: dois / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009.

NORONHA, Mariana Galvão; ROCHA, Paula Melani. A reportagem investigativa e suas especificidades: O processo de produção pela perspectiva dos(das) jornalistas. **Pauta Geral - Estudos Em Jornalismo**, v. 5, n. 1, p. 135–151, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/12316>. Acesso em: 18 dez. 2023.

NUNES, Pedro. **Rotinas do Jornalismo no CINEMA**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

OLIVEIRA, André Souza Pedroso de. **Jornalismo na Wikipédia**: Uma definição de domínio público. [s.l.] Casa Flutuante, 2017.

ORRICO, Alexandre. Quatro cidades brasileiras estão em créditos de filme indicado ao Oscar. **Buzzfeed**, 2015. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/quatro-cidades-brasileiras-estao-em-creditos-de-filme-indicado-ao-oscar>. Acesso em: 06 fev. 2024.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, Lopes Caren. Jornalismo e cinema: construção do profissional através da cultura pop. **Redação Beta**, 2019. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/jornalismo-e-cinema-construcao-do-profissional-atraves-da-cultura-pop-4e4ed90c0a39>. Acesso em: 08 nov. 2023.

RODRIGUES, de Queiroz Giuliana Batista.. Os poderes do jornalismo: sensacionalismo e manipulação da opinião pública no filme O Quarto Poder. In: NUNES, Pedro (org.). **Rotinas do Jornalismo no Cinema**. 1ª ed. João Pessoa, PB: Editora do CCTA, 2017. p. 60-86.

ROSA, Rachel Bezerra Abrantes. **O personagem jornalista na visão cinematográfica da década de 90**. 2006. 45 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.

SANTANA, Adriana. O repórter e o jornalista cordial: sobre o papel da apuração no jornalismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 125-140, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645960010.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SHARIFF, S. *Cyberbullying*: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SPONHOLZ, Liriam. Objetividade em jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 110–120, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2003.21.3219. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3219>. Acesso em: 18 set. 2023.

SPOTLIGHT: Segredos Revelados. Direção: Tom McCarthy. Los Angeles, CA: **Open Road Films**, 2015. (128 min).

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular Livros, 2020.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular Livros, 2020.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalista como personagem de cinema. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, v. 24, Campo Grande. **Anais [...]**, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

VIEIRA FILHO, Geraldo. **Complexo de clark kent são super-homens os jornalistas?**. São Paulo: Summus, 1991.